

Appai na Bienal



Palestra Comportamento Infantil

Dia 4/9 - O Dr. Gustavo Teixeira, especialista em psiquiatria da infância e adolescência, no auditório da Bienal (Pavilhão Verde).



Dia 05/09 - Propiciar o intercâmbio científico para o favorecimento da Educação Inclusiva, com ênfase nas políticas públicas de educação especial (Pavilhão Verde).



Cultura, Educação e Arte

Dia 31/8 - O Grupo Teatro Novo, composto por atores portadores da síndrome de Down, apresenta um espetáculo de inclusão no auditório da Bienal (Pavilhão Verde).

E mais...
Espaço Literário
Workshop
Projetos de Educação



O apego no território creche

* Valéria Mendonça

Todo acolhimento da criança em sua chegada ao território creche implica a outra face da moeda: a separação mãe-criança e suas consequências sobre o desenvolvimento infantil, as quais Bowlby (1969) estudou para construir a "Teoria do Apego" (TA). Sem dúvida, a ausência materna provoca reações na criança, remetendo ao instinto de sobrevivência das espécies.

Segundo Bowlby (1969/1990) "o papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação".

Ao postular que a tendência para se estabelecerem fortes relações de apego com determinada pessoa é uma necessidade básica tão importante quanto à alimentação e o sexo, Bowlby (1989) invoca outra questão: essa tendência se manifesta não porque a mãe ou o responsável suprem as necessidades fisiológicas da criança; ao contrário, depende, principalmente, da responsividade e da sensibilidade da pessoa com quem a criança se relaciona, já que essas características promovem uma proximidade segura entre ambas.

Com certeza, fatores como idade da criança, duração da separação e grau da privação influenciarão nos efeitos da separação da criança de sua mãe – menor ou maior grau de estranhamento e perturbação –, bem como o conhecimento/desconhecimento do ambiente e a familiaridade ou não com os cuidadores.

A proximidade da mãe ou da figura de apego diminui o medo de estranhos ou de estímulos novos e facilita a exploração de um ambiente desconhecido.

Dalbem *et al.* (2005) fazem uma revisão da teoria do apego, com base nas ideias iniciais de Bowlby, influências teóricas e conceituais, principais contribuições e pesquisas clássicas que formaram a base da Teoria do Apego, além das novas formulações e conceitualizações.

Conforme Dalbem *et al.* (2005), o apego é o vínculo que a criança desenvolve com seus pais e que lhe proporciona a segurança emocional indispensável para um bom desenvolvimento da personalidade. A tese fundamental da Teoria do Apego é a de que o estado de segurança, ansiedade ou temor de uma criança é determinado em grande parte pela acessibilidade e capacidade de resposta de sua principal figura de afeto (pessoa com quem se estabelece o vínculo).

O sistema de comportamento de apego é complexo e, com o desenvolvimento da criança, passa a envolver uma habilidade de representação mental, denominada modelo interno de funcionamento, que se refere a representações das experiências da infância relacionadas às percepções do ambiente, de si mesmo e das figuras de apego (Dalbem *et al.*, 2005).

De Toni (2004) afirma que o apego tem sido estudado por psicólogos que buscam entender a importância do vínculo inicial da criança como fator de desenvolvimento saudável e preventivo para vários problemas de comportamento, como ansiedade de separação, desordens de conduta, entre outros.

O modo como se estabelece o vínculo do bebê com o seu responsável transforma-se num padrão interno que

pode perdurar ao longo de toda a sua vida permitindo-lhe a formação de um modelo que integra, por um lado, crenças a respeito de si mesmo e dos demais e, pelo outro, uma série de julgamentos que influem na formação e manutenção das dinâmicas relacionais. Daí, a importância da figura do primeiro cuidador, seja a mãe, sejam os responsáveis que lidam diretamente com ele.

O olhar cuidadoso do cuidador

Pode-se dizer que o olhar do cuidador se equivale em importância a sua disponibilidade, ou seja, como ele percebe e/ou distingue as diferentes formas de comunicação da criança, com as expressões de sentimentos e emoções.

Alves observa que as experiências da criança (o prazer e a dor, o sucesso ou o fracasso) são sempre vividas corporalmente. E prossegue: "Se acrescentarmos valores sociais, que o meio dá ao corpo e a certas partes, este corpo termina por ser investido de significações, de sentimentos e de valores muito particulares e absolutamente pessoais" (Alves, 2003: 48).

Nesse contexto, justifica-se a necessidade do olhar do cuidador, no sentido de estabelecer um diálogo afetivo.

Pelo olhar, pelo diálogo, pelo toque... O toque acalenta, conforta, transmite alegria e cria elos entre você e o outro. O toque diz muito... Ele diz: "que saudade", "gosto muito de você", "que bom que você está aqui", "pode confiar em mim", "você está seguro comigo", "eu cuido do seu bem-estar" (SME, 2010, pp. 9-10).

A relação dialógica, além de demonstrar afeto entre os interlocutores, também forma com o outro um laço social que lhe permeará a vida. Wallon (2007: 122) coloca que "é inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante (...). Assim, o social se amalgama ao orgânico".

Essas "influências afetivas" estará ligada a forma como se estabelece a linguagem da afetividade, que se constitui através do diálogo tônico – unidade mãe-bebê – que pode ser elaborado de forma positiva ou negativa, dependendo de como se deu o início dessa relação. É como se fosse uma corrente cujos elos se encaixam infinitamente em outros, numa incógnita de consequências imprevisíveis.

Com os cuidadores – principalmente os que atuam no território creche –, é necessário, pois, que se estabeleça a linguagem da afetividade. Criar laços afetivos implica um comprometimento que transcende a mera obrigação de dar banho, alimento ou remédio, quando preciso; é um movimento em direção à necessidade do outro e, ao mesmo tempo, é estar aberto à troca de afetos.

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado (BRASIL, MEC, SEF, RCNEI, vol. 1, 1998, p. 25).

Montenegro (2001:28) coloca que o cuidado tem sido considerado sob diferentes perspectivas – da afetividade,



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685/JF)

Colaboração
Claudia Sanches, Sandra Martins,
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

Fotografia
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 67.000 (sessenta e sete mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.

CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

da moralidade, da ética, da assistência – dentre as quais a mais criticada é o cuidado como sinônimo de assistência.

Contudo, a crítica à visão assistencialista não faz com que se extinga certo grau de dependência entre o cuidador e o sujeito cuidado, ou seja, se este exige uma “assistência”, provavelmente é porque ele se encontra impossibilitado de agir por si só. No caso particular do território creche, é preciso lembrar que, até os dois primeiros anos da vida humana, existe um grau quase absoluto de dependência da criança ao adulto, por questões da condição de sua imaturidade orgânica para a sobrevivência.

Tal fato levanta uma discussão mais quanto à qualidade do atendimento – se ele visa a promover ou a criar ainda mais dependência – do que quanto à sua necessidade.

Na verdade, tudo em relação à criança pequena acarretará resultados positivos ou negativos, porque faz parte da construção de seu desenvolvimento e aprendizagem. Assim, de acordo com a crença/formação do adulto, deflagram-se condutas que atuam como elementos geradores de estruturação ou de desestruturação do ambiente.

Em relação às práticas dos cuidadores, o que se presencia ainda hoje no território creche são as misturas de diferentes crenças do que seja cuidar/educar.

Final, qual o papel do cuidador? Seria ele um educador? Num curso oferecido, na modalidade a distância, pelo Ministério da Educação e Cultura para professores em formação, os parágrafos que tratam da Educação Infantil chamam atenção para um impasse que, até então, parece não ter sido resolvido:

Quem educa, muitas vezes, não se propõe a cuidar. Por outro lado, os (as) profissionais responsáveis por alguns cuidados específicos – como dar o banho, trocar fraldas, alimentar – acabam não sendo considerados aptos a educarem. O que devemos lembrar é que, na relação com a criança, estaremos sempre assumindo um lugar que será fundamental para a construção da sua subjetividade, seja cuidando ou descuidando do outro (BRASIL, MEC, SED, 2006: 30).

Desse modo, conscientes de que o sujeito criança é o principal ator a ser considerado na prestação de cuidados oferecidos no território creche, as perguntas supracitadas podem ser respondidas com uma síntese das colocações aqui feitas: há diferentes maneiras de cuidar, de acordo com os vínculos e em função das prioridades culturais. A mãe, primeira cuidadora, partilha a responsabilidade dos cuidados de seus filhos com outros atores, cujas formações diferenciadas não excluem uma profissionalização que de-

manda determinadas ações – estabelecimento de diálogo e de relação de afeto com o sujeito cuidado, supressão das necessidades fisiológicas básicas dessa criança, cuidado ou educação para a conquista da autonomia e para a construção de conhecimentos relevantes, a fim de evitar “(des) educar para a passividade, para a submissão, para a dependência” (BRASIL, MEC, SED, 2006: 31).

Em resumo, Freire completa: “Hoje, mais do que em outras épocas, devemos cultivar uma educação da esperança enquanto empoderamento dos sujeitos históricos desafiados e superar as situações limites que nos desumanizam a todos” (Freire, 1997: 11). Em outras palavras, no vasto campo do cuidado, existem desafios importantes a serem atingidos e poucas “receitas de bolo”.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, Fátima. *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. Rio de Janeiro: Wak, 2003.
- BOWLBY, John. *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- _____. *Apego e perda: apego a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, v. 1, 2ª Ed. 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, vol.1, 1998.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. *Coleção PROINFANTIL; Unidade 1*, Brasília: MEC/SEB, 2006.
- DALBEM, Juliana Xavier; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arq. bras. psicol.* [online]. 2005, vol. 57, n.1, pp. 12-24.
- DE TONI, Plínio Marco; SALVO, Caroline G.; MARINS, M. C. Etologia humana: o exemplo do apego. In: *Revista Psico USF*, v. 9, n. 1, p. 99 - 104, jan/jun, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MONTENEGRO, Theresa. *O cuidado e a formação moral na educação infantil*. São Paulo: Educ, 2001.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Orientações para profissionais da educação infantil*. Rio de Janeiro: SME, 2010.
- WALLON, Henry. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

*Valéria Mendonça é Mestre em Psicologia Social, Psicomotricista e Psicopedagoga.



O desafio de ser professor no século XXI

Francisca Edilânia da Silva Lima*

Ser professor no século XXI demanda uma responsabilidade sem igual e um desafio de um profissional que precisa estar o tempo todo se resignando em relação a sua formação pessoal assim como na sua atuação em sala de aula, um compromisso que a cada dia deve ser repensado refletido no aprender e desaprender sobre o próprio conceito de mudanças.

Com as mudanças do nosso tempo, avanços no campo das Ciências, Tecnologias e Comunicação, torna-se fundamental perceber que precisamos estar sempre em processo de mudanças, de revisão de conceitos e de paradigmas que possuímos, enfim, de novas aprendizagens.

Antes quando se pensava em sala de aula, se tinha em mente uma turma com um determinado número de alunos, com idades equivalentes.

Hoje, quando pensamos na sala de aula, pensamos nas infinitas surpresas e situações que serão o norte para

o sucesso ou não do nosso trabalho. Então a cada início começamos o ano planejando o trabalho tendo como base a nossa experiência anterior, porém essa experiência é só para nos reconstruirmos para a diversidade como condição para poder ensinar.

Hoje, pensar no aluno não deve ser um pensamento nas diferenças percebidas de imediato – estatura, no modo de vestir ou no tom de voz. Pensamos esse aluno como um ser subjetivo que pode exigir da nossa prática algo diferenciado para que ele possa se desenvolver de forma plena no seu direito de educando.

Prática baseada em novas premissas, novas potencialidades e novos modos de pensar e agir, colocando-se em movimento os tantos e excelentes referenciais que temos, à nossa disposição, nas legislações e nas propostas vigentes de Educação e que dão a qualquer aluno o seu direito pleno a uma educação a um ensino de excelência na promoção do seu desenvolvimento de sujeito pleno.

Isso demanda a capacidade do professor para orquestrar a interação entre os alunos em situação de aprendizagem,

organizando os espaços, os tempos e os agrupamentos pertinentes às suas propostas didáticas, se constituindo ele mesmo em mediador entre os conteúdos escolares e aqueles trazidos pelos alunos.

E isso não vem só do compromisso do professor, mas da escola, que deve estar atenta à questão das diferenças, uma vez que a sua grande marca é a valorização do papel social do aluno, quaisquer que sejam suas características, pois tem como referência o princípio da contribuição. A valorização do papel social do aluno só é possível na medida em que ele é reconhecido por seus pares como uma pessoa que traz uma contribuição mesmo que seja modesta, ao desenvolvimento de saberes, de saber-fazer e do saber ser coletivo. A criança percebe-se como um indivíduo que contribui para o desenvolvimento de saberes e do saber-fazer coletivo e retira disso múltiplas vantagens. Entretanto, essa participação ativa do aluno com deficiência no contexto da sala regular só é possível se o professor perceber esse aluno como sujeito de aprendizagem e se conseguir organizar propostas didáticas que favoreçam essa participação.

Hoje se fala tanto na inclusão, mas falar e viver essa inclusão representa duas vias de mão dupla. Essa criança que traz consigo características de um transtorno, seja ele do desenvolvimento ou de comportamento, de uma deficiência física ou intelectual ou até mesmo uma dificuldade de aprendizagem, seja ela oriunda de uma síndrome com comorbidade ou não, traz para o professor a responsabilidade de amparo, de um olhar igualitário como sujeito que precisa desse professor, uma resignação na busca de conhecer, estudar, observar, reconhecer a deficiência que faz dele um ser único e diferente de outro com as mesmas características. É necessária a adequação de um ambiente tradicional que, mesmo com toda a modernidade, ainda teima em ser arcaico, com carteiras enfileiradas, horas de cópia de quadro e conteúdos que nada contextualizam o seu dia a dia e nem dão o suporte para se entender o que está fora do seu olhar ou do seu tocar.

Ainda temos muitos professores que se sentem bem nessa zona de conforto e, quando recebem a proposta de se reestruturarem, se voltam negativamente para a possibilidade de se autoavaliar como profissionais e deixam clara sua incapacidade de se renovar através de novos estudos e na experiência, que só trazem benefícios positivos.

Viver com a inclusão é viver um dia após o outro. Dias com acertos e erros, que acabam dando a direção do trabalho e um tempo mais longo para os resultados. É necessária também a boa vontade dos órgãos que ainda não assimilaram que o tempo de uma criança com uma necessidade especial é para o agora e não para o depois; de profissionais capacitados para um diagnóstico sério e certo, porque dessa forma será possível assegurar ao aluno facilidades como: o seu direito a um currículo mínimo ou adaptado a sua aprendizagem, a prova adaptada, o conteúdo adequado, uma organização de ambiente tanto de sala como de estrutura física escolar, um acompanhamento pedagógico efetivo e significativo apoio e suporte para a sua aprendizagem. Essas coisas só representam ganho e não prejuízo para esse aluno, que é de nossa responsabilidade, e que a cada dia está mais presente nas nossas escolas e salas de aula.

O suporte para o professor de hoje com essa diversidade de formas de aprender não é a espera da receita

pronta vinda das mãos da coordenação ou orientação da escola, até porque o aluno é único, independente de suas características intelectuais e cognitivas, mesmo que estas sejam mediadas por qualquer deficiência, mas a exigência da formação e informações da rede de ensino, exigência da estrutura, equipamentos, conhecimento da legislação que garante o direito à educação a esses alunos com deficiências, é não permitir manifestações preconceituosas contra quem tem deficiência e pesquisar sobre a busca de estratégias escolares de sucesso. Os meios são variados porém o que vai predominar é o conhecimento, a busca de informações, o dia a dia na sala de aula e a observação apurada desse professor em relação a esse aluno, mediando as informações. A dificuldade em si capacita esse professor ao trabalho diferenciado que esse aluno necessita e é uma ação que gera experiência e que pode ser enriquecida com a troca.

O professor atual deve ser plural, dialogar com o novo. Neste sentido é importante pensar nos desafios, não só frente às novas tecnologias e à sua formação, mas também à disciplina na sala de aula, nos pais que transferem a educação para a escola, no descaso dos governantes, dentre outros. Frente aos desafios, cabe ao professor exercer sua função refletindo criticamente sobre sua prática. Essa reflexão deve ultrapassar os limites da sala de aula.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Fábio Câmara Araújo de; IVANOFF, Gregório Bittar. *Tecnologias que educam: ensinar e aprender com as tecnologias de informação e comunicação*. Pearson: São Paulo, 2009.
- GADOTTI, M. *Educação e Compromisso*. Campinas: Papyrus, 1992.
- MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. *Deficiência, Educação Escolar e Necessidades Especiais: reflexões sobre inclusão socioeducacional*, 2003. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=79:deficiencia-educacao-escolar-e-necessidades-especiais-reflexoes-sobre-inclusao-socioeducacional&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17 Acesso em: 24 jun. 2011.
- PERRENOUD, Philippe. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: Perspectivas sociológicas*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1993.
- _____. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SANTOS, Mônica P. *A Inclusão da Criança com Necessidades Educacionais Especiais*. Artigo 63, 2007. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp36.htm> Acesso em: 02 jul. 2011.

Francisca Edilânia da Silva Lima atua como Orientadora Educacional no Instituto Educacional Radeane, em trabalho conjunto com a Coordenadora Pedagógica Andréia Fernandes, em Acompanhamento Pedagógico com crianças que possuem laudo de TDAH, dislexia, discalculia, disortografia, disgrafia, deficiência intelectual etc. Um trabalho voltado para currículo mínimo, provas adaptadas, ambientes adaptados, orientações pedagógicas aos professores, supervisão e orientações aos mesmos.



Andrea Gouvêa Vieira

Ávidos por Educação



Sento-me ao lado de Do, uma coreana de 23 anos, no curso da Universidade de Columbia. “Você deve sentir muito orgulho da Educação em seu país”, digo. Ela me olha, sem entender. Acho que é meu inglês. Tento de novo: “A Coreia está em primeiro lugar na Educação, e seu país é sempre citado como exemplo de superação, inclusive no Brasil”. Com delicadeza, Do responde: “Há insatisfação na Coreia com o sistema educacional. Os jovens estão se matando”.

Desde que cheguei a Nova Iorque, para um período de estudos de seis meses, o tema Educação está sempre presente. Na minha sala de aula, os 12 estudantes de Arábia Saudita, França, Itália, Dinamarca, além da minha amiga coreana, criticam a fragilidade de seus sistemas. Meus vizinhos estão preocupados com a qualidade da escola dos filhos e, nos jornais e na televisão, todos os pré-candidatos a prefeito de Nova Iorque prometem mudanças radicais nas escolas do prefeito Bloomberg, que pretendeu fazer da Educação seu carro-chefe.

Surpresa, peço a Do que elabore melhor essa história da Coreia. “Para entrar na Universidade é preciso ser bom desde o Jardim de Infância. Os coreanos estão infelizes porque a pressão das famílias é insuportável. Não há vida familiar. Os pais querem se realizar através dos filhos. Nada existe fora do sucesso deles nas escolas. Se o filho fracassa, o fracasso é dos pais”.

A Coreia fez sua revolução educacional no pós-guerra. Saiu da pobreza,

investindo maciçamente na Educação primária e secundária. Mas as dificuldades daquela época já não são parte do registro de vida da atual geração. Permanecem, no entanto, na memória dos pais.

Pressiono Do: “E o que se faz para sair dessa situação?”.

“Para nós, explica ela, restou o desafio de sobreviver num sistema que não vê ninguém como indivíduo, como pessoa, uma diferente da outra, com necessidades distintas. O sistema não permite aos professores enxergar diferenciadamente. Como não há lugar para todos na Universidade, o desespero dos excluídos leva ao suicídio”.

Do veio para os Estados Unidos fazer Medicina, assim como Lama, uma das cinco sauditas da minha turma. Lama e Afnan usam bonitos lenços cobrindo a cabeça e o pescoço. Conversar com elas é uma delícia. Superarticuladas, vivas, a par de tudo o que acontece no mundo. Nesse verão, pelo menos 30 sauditas estão se preparando para entrar na Universidade de Columbia.

Surpresa com tantos estudantes de um país tão fechado ao mundo, peço explicações. É Abulazabir, um dos rapazes, quem esclarece. Segundo ele, na Arábia Saudita a prioridade está no investimento maciço em bolsas de estudo para universidades de todo o mundo. Tudo pago pelo Governo, além de uma excelente mesada, para homens e mulheres.

O grupo saudita convive harmoniosamente em todos os ambientes, mas Anman me confidencia: “Quando voltar, se encontrar as colegas na rua, não poderei me aproximar delas”. Na Arábia Saudita, meninos e meninas não podem estudar no mesmo colégio. Indago deles: “Se aqui vocês podem, por que lá não?”. Hamit explica: “O Governo (a Família Real) é aberto a mudanças, mas a população ficaria revoltada. Por isso essa política de bancar os estudos no exterior para que a médio prazo uma nova geração possa mudar os costumes de dentro, na base do convencimento familiar”.

Trata-se de um grupo ávido para aprender e para ensinar. Estou animada. E espero compartilhar com vocês o que aprendo por aqui.

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro



Casa de Cultura Laura Alvim



Um centro cultural completo de frente para o mar, com cinema, teatro, galeria de arte e museu. O centro cultural, que fica em Ipanema, recebeu esse nome por ter sido o local onde morou Laura Alvim, uma mulher à frente de seu tempo, que queria ser atriz, mas a família nunca permitiu. Laura construiu um palco, nas dependências de sua casa, onde declamava e encenava para amigos, e também emprestava para as companhias ensaiarem peças teatrais. Em 1983, seis meses antes da morte da proprietária, a casa foi doada ao Governo do Estado. E, em 1986, tornou-se um importante polo de cultura do Rio de Janeiro.

Com 2.000 metros quadrados, a Casa de Cultura Laura Alvim abriga um café, uma livraria, três salas de cinema, o Teatro Laura Alvim (245 lugares), o Espaço Rogério Cardoso, a Galeria Laura Alvim e o Museu de Laura, com exposição permanente de seus móveis e objetos pessoais e de sua família.

O Teatro Laura Alvim é um anexo do centro cultural e é um dos espaços criados por ela própria. As paredes são de pedras e as poltronas foram projetadas por Oscar Niemeyer. Grandes espetáculos já foram encenados ali, como "Tristão e Isolda" e "Dama da Noite". Além do teatro, existe o Espaço Rogério Cardoso, uma sala com capacidade para 70 pessoas, que funciona no porão da casa e é utilizado para espetáculos alternativos.

A Galeria Laura Alvim passou por uma reforma e foi reinaugurada em 2009, quando ganhou um novo perfil:

o centro de arte contemporânea, onde trabalhos de renomados artistas, como Antônio Dias e Ângelo Venosa, vêm sendo mostrados. Em setembro de 2006, foram inauguradas três salas de cinema que completam a estrutura do centro cultural.

Os ingressos para o cinema e o teatro podem ser comprados antecipadamente na bilheteria da própria Casa de Cultura ou através do [site ingresso.com](http://siteingresso.com). Todas as salas abrem meia hora antes da primeira sessão e existem instalações adaptadas para portadores de necessidades especiais. A Galeria funciona de terça a domingo, das 13 às 21 horas. A Cafeteria está aberta de segunda a sexta, de 13 às 22 horas, e aos sábados e domingos, de 9 às 22. Já a Livraria funciona todos os dias das 13 às 22 horas. Para acompanhar os filmes que estão em cartaz é só entrar no site www.cinestar.com.br. Os ingressos custam R\$ 20,00 a inteira, nas segundas, terças e quintas-feiras. Nas quartas a inteira é R\$ 18,00 e, nas sextas, sábados, domingos e feriados, a inteira sai por R\$ 24,00.

Casa de Cultura Laura Alvim

Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22420-004

Tel.: (21) 2332-2016

E-mail: lauralvim@gmail.com



A dialética da inclusão em educação – Uma possibilidade em cenários de contradições
Bianca Fátima Cordeiro dos Santos Fogli
Editora DP et Alii – Tel.: (24) 2233-2101

Neste livro, a autora expõe a necessidade de se compreender uma política de “inclusão em educação”, a partir de suas implicações sociais, políticas e pedagógicas. A obra busca entender a relação que se estabelece entre teoria e prática numa política em ação através de considerações e possíveis soluções.

Autoestima urgente! – Reflexões para educadores cujo objetivo é educar para a vida, na ética, valorização da família e amor a Deus
Isabel Cristina Menezes Degli Esposti
Impressão Dom Licínio Artes Gráficas – Tel.: (22) 3831-0074

O livro visa estimular a reflexão de como lidar com os problemas de aprendizagem referentes à baixa autoestima. Auxiliará professores e pais a compreenderem melhor os jovens e motivá-los.



Um canto no mundo

Sérgio Cezar

Tel.: (21) 9212-1465 / E-mail: sergiocezararquitetodopapelao@yahoo.com.br

Conhecido como o “arquiteto do papelão”, o carioca Sérgio Cezar caminha pela cidade reunindo miudezas para as suas esculturas. Com o cuidado do recorte e a sensibilidade para escolher o tipo de material para cada detalhe de suas peças, enquanto cria, inventa histórias sobre seus personagens, dando vida a pequenas moradias a partir das sobras que recolhe.

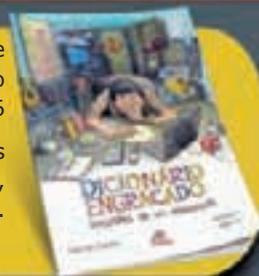


Dicionário engraçado – Reflexões de um adolescente

José de Castro

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Uma personagem adolescente gosta de brincar com as palavras, dando-lhes significados diferentes e divertidos. O autor pretende provocar nos jovens o desejo de descobrir o outro lado das palavras, despertando a criatividade de cada um.

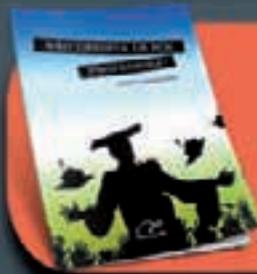


Não desista de nós, professora!

Mariza Magalhães

Editora Muiraquitã – Tel.: (21) 2620-6357

O livro traz casos verídicos sobre relacionamentos conflitantes professor-aluno com o objetivo de evidenciar os desafios da profissão e incentivar os novos educadores. Mariza, que é professora de Química, criou os nomes dos personagens com base na nomenclatura dos elementos da tabela periódica e das substâncias químicas.



Ninguém nasce sabendo – Crônicas sobre a educação no século 21

Anna Veronica Mautner

Summus Editorial – Tel.: (11) 3872-3322

Organizada em sete grandes seções, a obra apresenta questionamentos e reflexões acerca de como educar as crianças. Sem receitas, é destinada a pais e professores. Busca ampliar a discussão sobre a formação do ser humano.





Ser diferente é ser igual

Projeto de incentivo ao resgate dos valores esquecidos

Não importa se você é preto ou branco, essa é a tradução de um trecho da música *Black or White*, de Michael Jackson, lançada em 1991, cujo videoclipe foi o de maior repercussão do cantor. A canção ficou em primeiro lugar em dezenas de países, e o *single*

tornou-se o mais vendido da década de 1990. A música fala sobre a igualdade racial e faz um protesto contra o preconceito. Pensando em conscientizar os alunos, pais e professores, o Centro Educacional Fernandes Marques criou um projeto chamado *Valorizando as diferenças*, com intuito de resgatar os valores esquecidos, como a amizade, o respeito, o companheirismo e o amor, respeitando sempre a diversidade. A escolha do tema desse ano ocorreu a partir da constatação da situação do cotidiano. "Muitas vezes são problemas que vêm de casa e acabam se refletindo na escola, como a falta de limite, por exemplo", diz a diretora pedagógica Edilene Avellar, lembrando que o projeto contou com a participação de toda a comunidade escolar, através de amostras de trabalhos, apresentação de danças e de vídeos.

Durante o projeto, os estudantes relataram problemas do dia a dia, como o *bullying*, os preconceitos raciais e religiosos e a falta de respeito. Os trabalhos foram realizados pelas turmas do Maternal ao Ensino Médio, e cada uma ficou responsável pelo desenvolvimento de um tema. "Para os menores é mais difícil entender, por isso teremos histórias de contos de fadas, como a 'Bela e a Fera' e 'O Patinho Feio'", comenta a diretora.

Além dos clássicos, os trabalhos das crianças também foram inspirados num livro de Ruth Rocha, chamado "O reizinho mandão", que conta a história de um rei muito jovem, que era considerado chato e autoritário, cujas leis absurdas deixaram o povo com tanto medo que ninguém mais do reino sabia falar, o que o deixou muito entediado. O reizinho precisou achar uma criança que soubesse falar para acabar com a maldição. Assim, o reino voltou a ser feliz e o monarca descobriu a importância da amizade. As crianças tiveram que reproduzir seus trabalhos de acordo com o que tinham aprendido com a história.

Outro livro utilizado como inspiração para as atividades dos alunos do Maternal foi "O mundinho", de Ingrid Biesemeyer, que fala sobre preservação do meio ambiente de uma forma divertida para as crianças.



O projeto, que tinha como objetivo resgatar os valores esquecidos e enaltecer as diferenças, contou com amostras de trabalhos e apresentação de vídeos criados pelos próprios alunos





As crianças do maternal tiveram que reproduzir seus trabalhos de acordo com o que tinham aprendido com a história dos livros infantis "O Patinho Feio" e "O mundinho"



A diretora afirma que a escola tem um papel fundamental no aprendizado e que elas acabam levando o que aprendem na escola para dentro de casa. "Outro dia uma mãe me contou que foi utilizar o celular no carro e a filha de dois anos e meio falou que não podia ligar enquanto estivesse no trânsito. A mãe ficou surpresa, sem saber o que fazer", conta Edilene Avellar.

"Muitas vezes os alunos cometem atos, como o *bullying*, sem ter conhecimento", comenta a diretora informando que a escola colou cartazes pelos corredores explicando o que é, com frases do livro "Como lidar com problemas escolares", do Dr. Gustavo Teixeira. A obra orienta pais e professores sobre as principais situações comportamentais de estudantes em sala de aula, como os transtornos de conduta e o bipolar, o *bullying*, o autismo infantil, a dislexia, entre outros.

O grupo de Yan Azevedo, do 1º ano do Ensino Médio, destacou através de um vídeo feito pelos alunos as diferentes formas de preconceito. "Pensamos em criar um documentário, usando máscara, representando que somos todos iguais, e cada um apontou um tipo de preconceito:

racial, religioso, em relação à música, entre outros", comenta a professora de Língua Portuguesa e Redação Ludmila Figueira, que foi a mediadora do grupo. O tema do trabalho foi "Diversidade" e foram abordados todos esses polêmicos assuntos. "O que mais gostei foi que conseguimos deixar todas as diferenças de lado e nos juntamos para conscientizar a todos", completou Yan.

Já o grupo das alunas Karina Gero, Larissa Dias e Mariana Lima, do 8º ano, abordou o tema "Igualdade nas diferenças", que falava sobre a valorização da amizade e da solidariedade. A turma criou um cartaz com imagens dos estudantes e frases, dando ênfase no respeito às diferenças. "Buscamos sempre a conscientização dos jovens, durante a criação dos trabalhos, com o objetivo de que todos aprendam a respeitar a diversidade na escola, podendo refletir lá fora, na sociedade", comentam as professoras Sara Fernandes, de Espanhol; Jaqueline Ribeiro, de Matemática, e Ludmila Figueira, de Língua Portuguesa e Redação, que auxiliaram na execução das atividades dos alunos.

Antônia Santos, mãe de Kevin Santos e Kesley Santos, respectivamente do 2º e do 9º anos, ficou satisfeita com o envolvimento dos filhos nos trabalhos apresentados e disse que isso se reflete no dia a dia na escola e dentro de casa.

Colaboração: Jéssica Almeida



Centro Educacional Fernandes Marques
Rua Manicária, 92 – Curicica – Jacarepaguá
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22780-806
Tel.: (21) 2441-3807
E-mail: edileneavellar@hotmail.com
Pedagoga responsável: Edilene Avellar
Fotos: Marcelo Ávila

Oficina de Saúde e Prevenção na Escola

Alunos da rede pública produzem material de saúde para divulgação

De acordo com a Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (Pense), programa realizado pelo IBGE em 2009, 30,5% dos estudantes entrevistados já tiveram relação sexual, sendo 43,7% adolescentes do sexo masculino e 18,7%, do sexo feminino. Embora a maioria (87,5% dos alunos da rede pública e 89,4% da rede privada) tivesse informações sobre Aids ou outras doenças sexualmente transmissíveis, 24,1% dos estudantes não havia usado preservativo na última relação sexual.

Mas será que somente a informação é suficiente? Foi pensando nisso que a Coordenação de Educação Ambiental e Saúde promoveu a *Oficina de Saúde e Prevenção na Escola*, uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação, Secretaria de Estado de Saúde e a ONG Promundo. A oficina tem como objetivo não só informar, mas também conscientizar os jovens e adolescentes, através de palestras e debates, sobre como se precaver contra DSTs, equidade de gênero, direitos sexuais e reprodutivos e prevenção da violência doméstica.

Os alunos estão desenvolvendo material para a criação de cartilhas relacionadas aos temas escolhidos. Em seguida elas serão distribuídas em toda a rede estadual de ensino. Participarão desses encontros os colégios José Leite Lopes (Nave), Pedro Álvares Cabral, Júlia Kubitschek, Infante Dom Henrique, Amaro Cavalcanti, Ignácio Azevedo Amaral, além do Brigadeiro Schorcht.

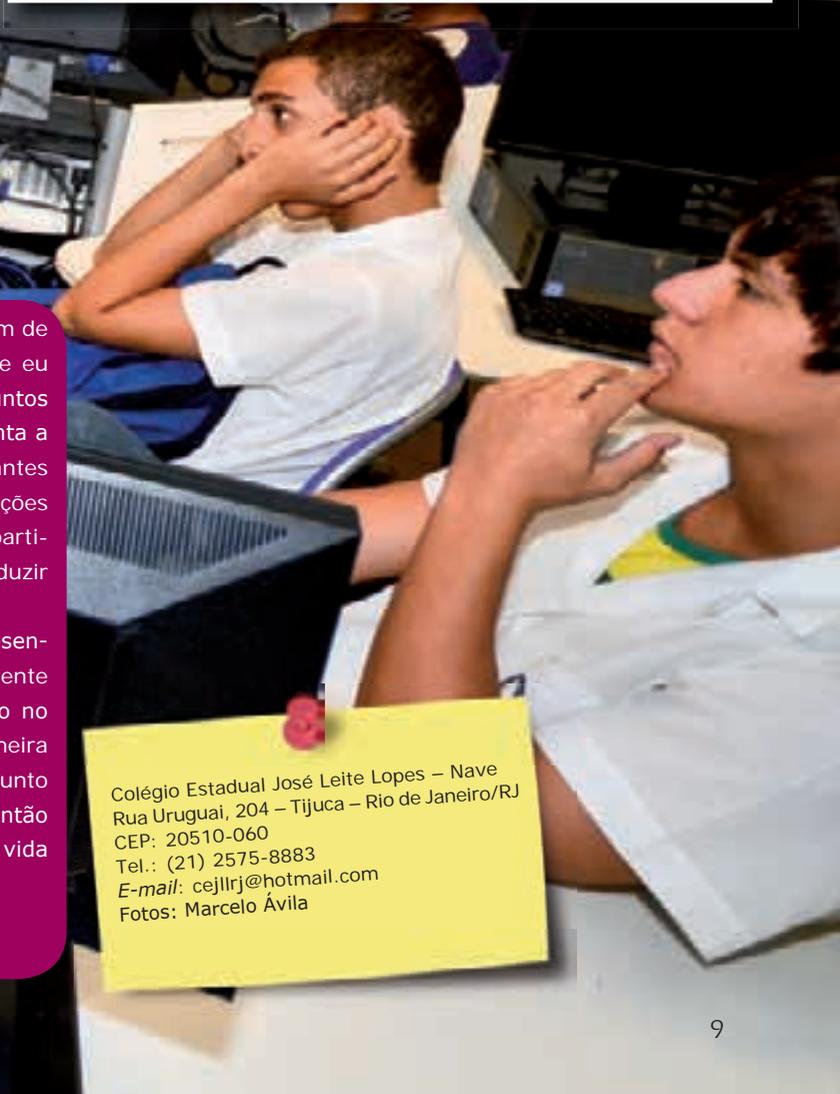
“A educação em si tem que formar esse cidadão para ser alguém crítico, emancipatório e libertário”, comenta a coordenadora de Educação Ambiental e Saúde Deise Keller, que acredita que através da escola os alunos

possam fazer escolhas mais conscientes, como o uso do preservativo nas relações sexuais.

Na oficina os estudantes são colocados como prioridade, pois são eles que criam e escolhem o conteúdo das cartilhas. Afirmam que estão gostando muito da atividade e adquirindo conhecimento. “Nós estamos aprendendo muito. Da mesma forma que produzir o material vai ajudar na conscientização de outros jovens, a gente pode conhecer todo o processo de educação sexual e a importância da prevenção”, comenta o aluno do Nave, Lucas Clarisse.



A oficina tem como objetivo não só informar, mas também conscientizar os jovens e adolescentes, através de palestras, debates, exibição de vídeos e trabalhos feitos em grupo



São realizados encontros e os jovens participam de debates a partir do material apresentado. “O que eu mais gosto na oficina são os debates, pois os assuntos são bem atuais, e não aqueles temas chatos”, conta a aluna do Nave Ana Carolina de Mattos. Os estudantes de diferentes escolas se reúnem e trocam informações para a criação da cartilha. “As experiências compartilhadas nessas nossas conversas vão ajudar a produzir um material melhor”, comenta Lucas.

A oficina já está fazendo com que os alunos desenvolvam seu senso crítico. “Toda informação que a gente recebe acaba, de uma certa forma, influenciando no nosso pensamento e jeito de ser. Eu vim na primeira semana com um conceito de um determinado assunto e, a partir do desdobramento, comecei a refletir. Então a oficina está contribuindo muito para a minha vida pessoal”, comenta Ana Carolina.

Colaboração: Jéssica Almeida

Colégio Estadual José Leite Lopes – Nave
Rua Uruguai, 204 – Tijuca – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20510-060
Tel.: (21) 2575-8883
E-mail: cejlirj@hotmail.com
Fotos: Marcelo Ávila

Criando imortais

Colégio de Aplicação desenvolve projeto que estimula alunos a produzirem poesias que serão imortalizadas em livro



Marcela Figueiredo

Um concurso de poesia promete agitar o Colégio de Aplicação Doutor Paulo Gissoni durante o ano de 2013. O projeto *Criando Imortais* busca incentivar os jovens alunos a criar textos que resgatem a beleza poética e romântica do ser humano. Na primeira etapa do projeto, já em curso, os estudantes são estimulados a elaborar poesias.

As 20 melhores criações dos educandos do Ensino Médio e as 10 melhores do Fundamental serão premiadas e registradas em um livro. Os professores também terão espaço para suas composições na mesma edição. O trabalho será executado em etapas que vão desde a inscrição e envio do texto, até a seleção, premiação e confecção da obra.

O desejo de recriar a atmosfera dos concursos de poesia na escola já havia sido manifestado pela diretora da divisão básica de ensino, professora Joana D`Arc de Araújo. Somada a essa vontade, surgiu a ideia do professor Leandro Araújo de confeccionar um livro. Os alunos do curso de publicidade, junto com o coordenador Carlos André, abraçaram a novidade e estão trabalhando ativamente em todo o processo. Cerca de 800 estudantes poderão participar do projeto, que envolve as disciplinas Língua Portuguesa, Redação e Literatura.

“Cada aluno pode se inscrever com uma poesia para cada tema. Os candidatos depositarão seus trabalhos numa urna para serem avaliados. Após isso, os jovens do 3º ano de publicidade serão responsáveis pela edição do livro e pelo evento de premiação. As obras serão confeccionadas e entregues aos autores num evento de autógrafos”, explica o professor Leandro, do Núcleo de Letras.

O concurso busca estimular os estudantes a desenvolverem a habilidade de expressar sentimentos através da escrita. Seu lema é “Imortalize-se”, uma alusão à imortalidade dos escritores. “Hoje em dia, infelizmente, a maioria dos jovens não é incentivada a desenvolver seus talentos. Tal projeto possibilita a descoberta de novos poetas, de futuros Drummonds e Clarisses”, diz Fabiola Boaventura, professora de Língua Estrangeira.

O professor Leandro destaca que uma das maiores conquistas do projeto até o momento é ver os alunos perceberem o potencial que têm. “Vejo, nesta primeira etapa, jovens que diziam não saber fazer uma poesia, ou que não gostavam da matéria de Literatura, se interessar pelo



assunto e apresentar materiais incríveis que eles próprios não acreditavam serem capazes de fazer”.

O projeto ainda está na fase de inscrição e entrega de material. A divulgação das poesias selecionadas acontece no mês de agosto, e a edição do livro e o evento de premiação, que ainda não têm data definida, ficarão também sob a supervisão dos professores envolvidos no projeto.


Colégio de Aplicação Doutor Paulo Gissoni
Av. Santa Cruz, 1.631 – Realengo – Rio
de Janeiro/RJ
CEP: 21710-250
Tel.: (21) 3216-7797
E-mail: capccb@castelobranco.br
Diretora-geral: Professora Vera Gissoni
Fotos cedidas pela escola



Educação Física Especial em Mesquita

Atividade socializa e garante maior qualidade de vida

Superção, determinação, empenho e alegria são as fórmulas para um trabalho de qualidade realizado na unidade escolar referência em educação especial no município. A Secretaria de Educação (Semed) desenvolve uma atividade de Educação Física especializada para os 273 alunos matriculados na Escola Municipal Professor Marcos Gil.

O papel do professor é motivar e despertar o interesse nas crianças, jovens e adultos, e apresentar-lhes o novo e o desconhecido, porque, através do desafio, eles passam a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possuem. É dessa forma que são desenvolvidos na escola os trabalhos dos professores de Educação Física Miriam Zaparolli, Aline de Alvernaz e Carlos Gonçalves. A unidade escolar atende a alunos com inúmeros casos de necessidades especiais como: dislexia, síndrome de Down, autismo, deficiências intelectuais, visuais, auditivas, entre outros casos.

De acordo com os professores, a escola se adapta às exigências dos estudantes. "O objetivo da Educação Física na vida de quem está na educação especial é dar mais qualidade motora e psicomotora", diz Aline. O progresso alcançado por eles é percebido pelos pais e se reflete nas salas de aula. No Marcos Gil os alunos contam, além da Educação Física, com os serviços de Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Artes, Música e Informática. A diretora da escola, Carla Danielle, pensando no bem-estar das crianças, está negociando com a secretaria de Esporte, Lazer e Turismo (Semelt) uma parceria para encontrar um local na cidade onde possam ser praticadas aulas de natação.

Colaboração: Edson Vinícius

Fotos cedidas pela Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Mesquita



Projeto Flauta Doce

Projeto incentiva as crianças
ao primeiro contato com
um dos mais antigos
instrumentos de sopro



A flauta doce é muito utilizada na musicalização infantil, pois é considerada de fácil aprendizagem. Também pode ajudar a tranquilizar as crianças e diminuir os problemas com disciplina



...essa área é magnífica, com a biblioteca oferecendo aulas de música, cinema, cursos de teatro, alemão, entre outros.

Não se sabe, ao certo, o ano em que a flauta doce foi criada, mas sabe-se que é um dos instrumentos musicais mais antigos do mundo. Muito popular na Idade Média e na Moderna, no início, era feita de diversos materiais, como o bambu e a argila. No período barroco, grandes músicos criaram composições para serem executadas na flauta doce, como Vivaldi e Haendel. Atualmente, ela é um dos instrumentos musicais mais baratos do mercado, sendo considerado de fácil aprendizagem. Além disso, produz um som melodioso e extremamente confortante, oferecendo diversos benefícios, como o aumento da concentração e da sensibilidade. Também pode aguçar o raciocínio lógico e nas crianças, principalmente, tranquilizar e diminuir os problemas com disciplina.

É pensando nesses benefícios que a Biblioteca Parque de Manguinhos está oferecendo o projeto *Flauta Doce*. "A atividade foi idealizada pelo curso de Pedagogia da Unisuam, visando, através do estudo da música, aumentar o rendimento das crianças na escola e inseri-las em uma esfera cultural que dificilmente elas conheceriam em suas comunidades", explica a professora Naybel Nascimento. O projeto começou no início de maio e deve ir até o final do ano. As aulas estão sendo oferecidas gratuitamente e têm como público-alvo crianças de 3 a 12 anos, divididas em turmas de acordo com a idade. "A flauta doce soprano é muito utilizada na musicalização infantil por ser acessível a outros instrumentos harmônicos que

possam acompanhá-la (como violão ou o teclado) e de aprendizagem relativamente fácil", explica a professora.

Naybel é formada em Música e cursou por um tempo licenciatura na disciplina, mas não chegou a concluir. Foi lá que ela praticou flauta doce e compreendeu sua didática. "Quando eu comecei a aprender música, tinha a idade deles. A gente primeiro escrevia, escrevia e só um mês depois pegava no instrumento. É desestimulante", lembra.

E completa dizendo que o que realmente importa é botar a mão na massa e mostrar para alguém, nem que sejam "duas notinhas", pois isso faz com que o aluno se sinta estimulado. "As crianças estão gostando. Elas são muito ágeis, e a sua percepção musical é muito maior do que a de um adulto. Além disso são bastante receptivas à música, aprendem muito rápido e os pais são bem participativos", continua a professora, lembrando que as aulas são oferecidas todas as segundas e quartas-feiras, das 14 às 17 horas, na Sala Meu Bairro, na Biblioteca Parque de Manguinhos.

A coordenadora cultural da biblioteca, Ivete Miloski, enfatizou o papel do projeto para a comunidade: "Tirando o *shopping* Del Castilho, não há nenhum local como esse por aqui. Por isso, essa área é magnífica, com a biblioteca oferecendo aulas de música, cinema, cursos de teatro, alemão, entre outros".

O projeto disponibiliza três turmas distintas:

Turma 1: de 3 a 5 anos, das 14 às 15 horas; Turma 2: de 6 a 8 anos, das 15 às 16 horas; e Turma 3: de 9 a 12 anos, das 16 às 17 horas. Os interessados devem procurar a Biblioteca Parque de Manguinhos, através dos telefones abaixo ou do *e-mail*: falecomls@gmail.com (Priscila ou Maura).

Colaboração: Jéssica Almeida



Biblioteca Parque de Manguinhos
Av. Dom Hélder Câmara, 1.184 - Benfica -
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20973-012
Tels.: (21) 2334-8915 / 2334-8916 / 2334-8917
E-mail: fale conosco@bibliotecademanguinhos.rj.gov.br
Fotos: Marcelo Ávila



Reforço escolar: uma ferramenta poderosa para aprendizagem

Projeto busca ajudar alunos a otimizar o raciocínio lógico e a interpretação de texto

Claudia Sanches

Alice Caroline de Oliveira, 18 anos, cursa o 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual João Alfredo, em Vila Isabel. A jovem é uma das contempladas pelo projeto *Reforço Escolar*, que já beneficiou mais de 600 escolas estaduais, desde que foi lançado, em 2012. Alice se sente uma privilegiada porque tem a oportunidade de rever, fora da grade do horário escolar, os conteúdos que não assimilou: "Tenho dificuldade em Matemática e precisava de ajuda; estar aqui é a chance de resgatar o que não consegui aprender no 1º ano ou até em séries anteriores".

O programa é iniciativa da Secretaria Estadual de Educação (Seemed) em parceria com a Fundação Cecierj – Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro –, responsável pela elaboração do material didático. O projeto é um método inovador, que visa melhoria da aprendizagem em Matemática e Língua Portuguesa aos jovens do 9º ano ao Ensino Médio. Para selecionar os alunos que precisam desse reforço, o Estado se baseou em avaliação diagnóstica.

▶▶▶ Mesmo conteúdo, diferentes abordagens

A partir da diagnose, a coordenação sugere que o estudante frequente as aulas, oferecidas no contraturno, onde ele vai encontrar o mesmo conteúdo da sala de aula, mas com uma abordagem diferente. Segundo a professora que ministra

Reforço na escola. Alunos que tiveram dificuldade podem procurar aulas de Língua Portuguesa e Matemática, com dinâmica que resgata conteúdo e otimiza raciocínio lógico

o reforço em Matemática no colégio, Raquel Randeiro, a função é corrigir algumas deficiências: o aluno pode parar a aula e expor uma dificuldade de séries anteriores, como, por exemplo, problemas para realizar as quatro operações, que é algo muito comum. “Eles se sentem mais à vontade para se colocar do que na sala de aula normal, onde não há tempo para tirar todas as dúvidas, e acabam perguntando. Se esbarramos em alguma limitação, esse é o espaço para atender à questão”.

▶▶▶ O lado bom do reforço

De acordo com Raquel, o projeto rompe com a ideia de que reforço é para “quem não aprende”, já que ensina o mesmo programa do ano letivo do aluno. “O espaço de aprendizagem funciona como as aulas particulares da minha época de estudante, e evita que o grupo fique estigmatizado”. A professora explica que o reforço surgiu nas salas de aula, a partir da necessidade de trabalhar com classes muito heterogêneas, que chegam ao Ensino Médio com dificuldades em conteúdos do Ensino Fundamental. São turmas formadas por estudantes oriundos de escolas municipais, particulares e EJA, que trazem muitos déficits na aprendizagem. “Como trabalha em agrupamentos, o projeto facilita a aquisição de conhecimento de forma eficiente. O que um aluno não sabe, um outro domina e o funcionamento se torna mais rápido e dinâmico. Estar aqui é uma oportunidade de resgatar o que não se aprendeu e melhorar o desempenho”, acrescenta.

▶▶▶ Sem monotonia

Segundo a diretora do colégio, Claudia Santos, apesar de a frequência ser opcional, a procura pelos jovens é muito grande e existe um incentivo à participação, já que, em algumas unidades, quem vai às aulas com regularidade garante um ponto a mais nas notas. O material didático é moderno e dinâmico, o que torna o projeto atraente para os adolescentes. Os módulos, desenvolvidos pelo Cecierj, permitem que o aluno aprenda de forma criativa.

Claudia ressalta que a equipe de docentes, capacitada para trabalhar com as apostilas, aprovou o material, que já mostra retorno, como o aumento do índice de aprovação e melhora no rendimento dos alunos. “Há grandes dificuldades principalmente da clientela oriunda do município. E a realidade do Ensino Médio é completamente diferente daquela encontrada no Fundamental, pois o currículo é voltado para o vestibular. As apostilas são atualizadas de acordo com as provas do Saerj e do Enem, com enunciados grandes e questões contextualizadas para que esse estudante da escola pública seja incluído”, indaga a educadora.

Para a coordenadora pedagógica Adriana Santoro, um dos maiores méritos do reforço é mostrar que os estudantes são capazes de se superar: “A ideia é excelente já que qualquer suporte é bem-vindo. Ouvimos relatos de alunos dizendo que conseguiram melhorar as notas e elevar a sua autoestima, porque perceberam que têm potencial. Ele vê que pode melhorar se correr atrás”. Quando o estudante não está bem pode recuperar e, quando está, pode melhorar. É o caso de João Pedro, 16 anos, que optou por participar das aulas de reforço. O representante de turma motiva seus colegas e ao mesmo tempo melhora seu desempenho. Ele vê o trabalho como um estímulo: “Aqui as pessoas não criticam as outras, e a iniciativa mexe com a consciência dos estudantes para que possamos buscar mais. São muitos os problemas que vêm do Ensino Fundamental, mas temos chance de fazer nossa parte”, reconhece.

Segundo Adriana, a metodologia é muito atrativa porque trabalha raciocínio lógico e interpretação de texto, base para qualquer matéria e para que se possa desenvolver qualquer habilidade para a vida. “O material é excelente. Não precisamos obrigar a presença deles porque, quando a propaganda é bem feita, eles vêm e ficam pois se trata de uma forma diferente de aprender”. A coordenadora pedagógica apenas lamenta que as aulas não sejam ministradas no turno da clientela, que muitas vezes já têm o outro horário comprometido com o trabalho. A sua meta, nas reuniões com a secretaria, é que todos os alunos possam usufruir dessa oportunidade, já que o trabalho é excelente.

Esse ano a Seemed criou turmas de Reforço Escolar em todas as instituições onde havia disponibilidade de salas, e a meta é ampliar a oferta pois, nesse tempo de existência, o reforço tem sido compreendido como uma ferramenta poderosa para recuperação do aluno e seu fortalecimento.

Colégio Estadual João Alfredo
Rua 28 de setembro, 109 – Vila Isabel –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20551-030
Tel.: (21) 2334-2106
E-mail: claudiasantos@educacao.rj.gov.br
Diretora: Claudia Santos
Fotos: Marcelo Ávila



Etnolimonada

Feira multidisciplinar promove inserção da Matemática em temas cotidianos e em jogos temáticos



Com base nos objetos concretos e no uso da Matemática no dia a dia da garotada, a Feira Multidisciplinar estimulou os jovens a criarem jogos e atividades

A proposta pedagógica da etnomatemática é fazer da Matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo (agora) e no espaço (aqui). Ao fazer isso, mergulhamos nas raízes culturais e praticamos dinâmica cultural. Historicamente, a disciplina é uma abstração e generalização de situações concretas e mesmo de problemas que são postos pela realidade, com objetivos práticos. Tendo como ponto de partida a realidade e uma estratégia de modelagem, utilizando-se da etnomatemática e objetos concretos, a Escola Municipal Brigadeiro Faria Lima realizou a sua primeira *Feira Multidisciplinar de Matemática*.

Para melhorar o rendimento didático-pedagógico, a coordenadora pedagógica Regina Karla de Azevedo, embasada nos estudos do professor e matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrosi acerca da etnomatemática, idealizou a primeira *Feira de Matemática: faça de um limão uma limonada*. O brasileiro, que é um dos pioneiros nesse estudo, define a atividade como "a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender nos diversos contextos culturais".

O evento foi planejado desde o início do ano. Para a confecção dos trabalhos foram utilizados materiais recicláveis: papel, garrafas, tampi-

nhas, canudos, copos e talheres descartáveis, sucata, caixas, jornal, revistas. Olívia Moraes, também professora de Matemática, enfatiza que "as matérias dadas até agora no bimestre foram empregadas para desenvolver essas atividades e relacioná-las aos assuntos do momento, como a Copa das Confederações".

As turmas do 6º ao 9º anos desenvolveram um trabalho mais elaborado, de caráter multidisciplinar. Elas dividiram entre si o conteúdo programático de Matemática do bimestre, e cada uma das partes foi aplicada em questões próprias de outras disciplinas, como Ciências, História e Língua Portuguesa, tudo sempre com um professor-tutor auxiliando. Por exemplo, a turma 1.601, do 6º ano, ficou com o tema "Operações com números naturais, aprenda tabuada", com o qual os alunos apresentaram jogos e problemas matemáticos que utilizavam as operações, principalmente a multiplicação. Na turma do 8º ano, 1.802, os integrantes do grupo de Ciências calcularam o Índice de Massa Corporal (IMC) dos visitantes, medida internacional usada para calcular se uma pessoa está no peso ideal, e mostraram os benefícios de uma boa alimentação. Os presentes ainda puderam saborear uma porção de salada de



frutas, brinde para estimular a melhora e a busca por hábitos alimentares mais saudáveis.

Como as atividades desenvolvidas eram livres, dois grupos de turmas do 9º ano produziram curtas-metragens. O de Geografia teve como tema o Tangram, um quebra-cabeça chinês formado por 7 peças (5 triângulos, 1 quadrado e 1 paralelogramo). Com elas podemos formar várias figuras, utilizando todas sem sobrepô-las, sendo possível, segundo a Enciclopédia do Tangram, montar mais de 1.700 diferentes. Utilizando como referência a cultura oriental, os alunos produziram um filme baseado na lenda japonesa "Toire no Hanako-chan – A menina do banheiro".

Já o grupo de Ciências ficou com o tema "drogas", e relatou como é a vida de um usuário de *crack*, através do filme "Não dependa das drogas", onde foi ressaltada a importância de estudar esse assunto. Para Paulo Ricardo Nunes, de 14 anos, a "questão é polêmica. Fizemos o filme para que os jovens vissem a consequência das drogas e o quanto é importante se manter nos estudos. Sem as matérias como a Matemática não somos nada. A Feira almeja ajudar na construção desse processo de conscientização".

Para Gabriele Russel, de 12 anos, da 7ª série, "é muito mais fácil aprender com os exemplos e jogos". A menina, que admite ter um pouco de dificuldade com a disciplina, contou com muita desenvoltura a história problema dos 35 camelos, do livro "O homem que calculava", do matemático e escritor brasileiro Malba Tahan, que foi o tema do seu grupo.

Os alunos da Educação Infantil realizaram trabalhos mais lúdicos, com temas mais simples e muita brincadeira. "Nosso projeto é embasado em uma nova postura de brincar aprendendo!", afirma Regina Karla.

A turma do 3º ano fez do espaço de sala de aula uma lanchonete com o tema "Sabor da matemática", no qual foi trabalhado o Sistema Monetário. Já as turminhas de alunos de quatro e cinco anos participaram com a atividade "Dia do Brincando com a Matemática". As crianças se divertiram com talheres coloridos, bolinhas de gude, jogos de encaixe de formas geométricas e contando canudinhos. Apesar de serem ainda bastante novos, esse processo é importante para estimular o seu interesse e aprendizado.

A Feira também foi uma homenagem a Cândido das Chagas, professor de Matemática, que cumpre seu último ano antes de se aposentar. Foi uma forma que o corpo docente encontrou para agradecer o trabalho de imensa contribuição para com a escola Brigadeiro Faria Lima e os alunos, assim como valorizar a contribuição dos profissionais da educação e resgatar valores.

Colaboração: Mairiz Silva

Escola Municipal Brigadeiro Faria Lima
Rua Violeta, s/nº – Água Santa – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20745-180
Tels.: (21) 3273-9873 / 3274-2321
E-mail: embflima@rioeduca.net
Coordenadora Pedagógica: Regina Karla de Azevedo
Fotos: Marcelo Ávila



De forma leve e lúdica, os estudantes absorveram o conteúdo de uma das disciplinas mais temidas. Aprenderam que a Matemática está em todo lugar, até em uma lanchonete

Educação e conscientização

Jovens discutem as dificuldades da maternidade e o perigo das DSTs na adolescência

O professor João discute com os alunos a importância dos cuidados com a saúde, na disciplina Sexo e Sexualidade

Andando pelo pátio do Colégio Estadual Júlia Kubitschek, no Centro do Rio de Janeiro, é possível ver, entre as alunas da escola, o companheirismo que aproxima mães, futuras mães e meninas. É o resultado do projeto do professor de Biologia, João de Melo Alves, realizado desde 2005, hoje um programa reconhecido pela Secretaria Estadual de Educação (Seeduc).

A iniciativa nasceu de um questionamento, uma curiosidade: o professor João parou para pensar o porquê de essas meninas engravidarem tão jovens. Falta de informação? Por vontade própria? E, como se não bastasse, uma outra questão permeava a sua cabeça. Por que acabavam abandonando a escola? O primeiro passo foi ter uma conversa com a turma sobre relacionamento,

por cerca de cinco a dez minutos, ao final de cada aula, a partir de uma frase.

Depois, o professor passou a convidar as alunas gestantes e mães para um bate-papo com os colegas, no qual eram mediadas dúvidas dos estudantes, que assim aprendiam a respeitar e aceitar essas meninas, que antes eram discriminadas. Com o tempo, o que era apenas algo pontual começou a fazer parte do currículo escolar, dando origem à disciplina Sexo e Sexualidade, cujo conteúdo passa pela inserção de músicas, filmes e imagens que possam despertar o interesse dos jovens para as discussões.

Envolver e incentivar os pais dos alunos a fazerem parte das temáticas e questões por eles (discentes) colocadas e aprendidas também faz parte dos projetos do professor



Nicole, 15 anos, e seu filho Miguel, de apenas cinco meses, com o professor João, idealizador do projeto

João. “Quero colocar os pais na jogada. Pretendo organizar encontros com eles aos sábados, envolvendo psicólogo, ginecologista e eu, e levantar questões como: Você está pronto para ser avô? Tudo isso com o intuito de prepará-los melhor para vivenciarem essa nova fase em suas vidas, a fim de levantar a estima não só dos filhos, mas, sobretudo, dos pais”.

A intenção do professor é esclarecer acerca dos efeitos de uma gravidez e da exposição a doenças sexualmente transmissíveis oriundas de uma relação sexual sem os devidos cuidados.

Sara Carvalho, de 15 anos, faz parte do grupo de jovens mães e diz que docente faz um trabalho muito bom, porque não só mostra a realidade do que é ter um filho tão cedo, como também ajuda as meninas a aceitarem a condição de mães. “Eu tento passar para as minhas amigas todo esse conhecimento adquirido”, relata a jovem mãe.

Nota zero para a evasão escolar

No Brasil, a evasão escolar, segundo dados do Censo 2010, é de 10%. No Rio de Janeiro, passou de 7,8% em 2001 para 16% em 2011, de acordo com o Inep (Instituto Nacional

de Estudos e Pesquisas Educacionais). Desde sua criação, o projeto conseguiu reduzir a zero o abandono da escola, que tem na gravidez na adolescência uma das suas principais causas. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), entre as meninas de 10 a 17 anos que têm filhos, o percentual de evasão é de 75,7%. “Eu tive muito apoio da minha família e das minhas amigas. No início foi bem difícil mesmo. A pessoa tem que estar muito preparada. É muito complicado conciliar os estudos com os cuidados com meu filho. Mas a escola me deu muito suporte”, relembra Luísa Couto, 18 anos, mãe do Gabriel, de 2 anos.

O companheirismo citado no início pode ser visto na relação das amigas de Nicole de Souza da Silva, 15 anos, com seu filho Miguel, de apenas cinco meses. A criança passa de colo em colo, recebendo carinho e atenção. Além da evasão zero, o índice de gravidez também foi reduzido. Pensando em ir mais além, o professor de Biologia está elaborando um outro projeto para inserir a questão da homoafetividade.

Colaboração: Mairiz Silva



C. E. Júlia Kubitschek
Rua General Caldwell, 182 – Centro – Rio
de Janeiro/RJ
CEP: 20230-192
Tels.: (21) 2332-6923 / 2332-6921
E-mail: cejkrj@hotmail.com
Fotos: Marcelo Ávila



A Língua que ensina e a Literatura que contagia

Alunos expõem produção intelectual diversificada de conteúdo obrigatório através de Feira

Integração, envolvimento, dedicação, estudo, pesquisa, criatividade e inovação são apenas algumas das características que cercam a *IV Feira de Olho na Língua Portuguesa* do Colégio Estadual Governador Roberto Silveira. Tudo isso, com uma pitada de nervosismo e ansiedade, fizeram com que os alunos, desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, realizassem a mostra de trabalhos práticos e apresentações da feira que já virou tradição na escola do bairro Éden, município de São João de Meriti, Baixada Fluminense.

O projeto, cuja primeira edição aconteceu no ano de 2010, foi idealizado pela professora de Língua Portuguesa e Literatura Denise Veloso. "Com o surgimento do Currículo Mínimo, buscamos envolver os estudantes em trabalhos externos à sala, mesmo que fosse na própria escola, para que participassem de danças, literatura, tudo que fale sobre linguagem, letramento. A primeira feira aconteceu em apenas um dia e contou somente com o pessoal do Ensino Médio. Devido ao

grande número de trabalhos realizados e à boa repercussão do projeto, decidimos, com o respaldo e motivação da direção, fazer de novo. Em 2011, já realizamos a Feira em dois dias e também incluímos o 9º ano. Hoje, envolve todos os alunos, a partir do 6º ano do Ensino Fundamental", conta Denise.

Os estudantes são divididos em grupos por turma. Cada uma delas recebe cinco temas retirados do conteúdo abordado no bimestre. Além de estimular o desenvolvimento no campo da pesquisa, isso é uma maneira lúdica de trabalhar os assuntos interligando-os aos interesses dos jovens. Durante os dois dias do evento, puderam ser apreciadas atividades envolvendo maquetes, cartazes, retroprojetor, jogos, artes cênicas, dança, coreografia, paródias, contos e repentistas da literatura de cordel. No primeiro dia foi trabalhado o conteúdo da Feira nas salas. Cada turma

expõe sua produção e arruma a sala se adequando às questões propostas. São cinco temas do currículo mínimo por turma, e cada uma delas se divide em grupos e assim monta os trabalhos. Já no segundo dia, houve apresentações artísticas variadas, incluindo os repentistas de cordel (gênero literário popular escrito de forma rimada cuja leitura ou declamação pode ser feita com empolgação ou de maneira melódica, sempre acompanhados de viola).

Fabiana Dias Veloso, de 14 anos, aluna do 8º ano do Ensino Fundamental e os colegas de grupo fizeram uma homenagem ao centenário de Vinícius de Moraes. Foram confeccionadas camisas com a foto daquele que foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor, também conhecido como "poetinha". "É a minha primeira *Feira de Olho na Língua Portuguesa* e eu estou adorando. Aprendi



O projeto, que está em seu quarto ano, é impulsionado, principalmente, pelo interesse dos alunos. Antes mesmo de se iniciarem as atividades, já começam a se preparar



Os alunos homenagearam a personagem mais conhecida de Maurício de Souza, a Mônica. Mostraram que os quadrinhos são ótimos para o aprendizado e estímulo da criatividade

muito fazendo meu trabalho. Abriu espaço para entendermos melhor o Vinícius e adquirir muitos outros conhecimentos. Tinha gente que nem sabia quem era o 'poetinha'. Li muita poesia, cada uma mais linda que a outra, amei as músicas, pois elas falam para a gente não desistir, seguir em frente, falam de amor. Até entrei na internet para baixar músicas do Vinícius!", conta a menina. A sala do 8º ano foi toda decorada com varais de CDs, cartazes contando a sua vida, com sonetos, poesias e letras de músicas. Os visitantes ainda podiam ouvir o repertório do artista durante o passeio pela sala e pelos outros grupos, cujos trabalhos incluíam jogos da velha e de forca.

Segundo a professora Lígia Santos, que também ajudou na elaboração da iniciativa, "o projeto cresceu muito. Desde a primeira edição, a *Feira de Olho na Língua Portuguesa* vem se expandindo cada vez mais. E é gratificante quando vemos alunos que são muito agitados e dispersos em sala de aula interagindo, se concentrando e se dedicando ao máximo. É muito importante para difundirmos mais ainda o aprendizado".

Entre os temas distribuídos, os estudantes abordaram "Variedades linguísticas", "Expressões idiomáticas", "Histórias em quadrinhos" e a "Origem da Língua Portuguesa", assim como inseriram o conteúdo em assuntos atuais como a Copa do Mundo de 2014, que foi abordada em trabalhos tanto do Ensino Médio quanto do Fundamental.

A turma 901 utilizou a apresentação em *slides* sobre as "Metáforas do Futebol", mostrando as gírias e expressões populares. Já no primeiro ano do Ensino Médio, Sidney Torres Dias, de 15 anos, da turma 1.002, não vê a hora de participar

de outras feiras. Para ele, a atividade explora o conhecimento.

"Tudo o que aprendemos podemos passar adiante para os nossos colegas e a todos que estão a nossa volta. É uma troca, um ciclo. Adorei tudo na Feira, mas, principalmente, os jogos. Eles nos ajudam a desenvolver a mente e lembrar de tudo o que foi passado em sala de aula", afirma.

Como já era de esperar, a *Feira de Olho da Língua Portuguesa* continuará fazendo parte do calendário escolar da estadual Governador Roberto Silveira. Segundo a idealizadora do projeto, é possível que, no próximo ano, haja mais um dia para a realização de atividades, totalizando três dias de evento: "Como são trabalhos bem elaborados, apresentações impecáveis, tudo muito lindo, queremos incluir mais um dia". Afirma também como é grande o interesse dos discentes: "Eles gostam muito, estão sempre me perguntando 'quando vai ser, professora?'. O interesse é evidente, eles só precisam de motivação".

Colaboração: Mairiz Silva

Colégio Estadual Governador Roberto Silveira
Av. Roberto Silveira, s/nº – Éden – São João de Meriti/RJ
CEP: 25545-120
Tel.: (21) 3756-2131
E-mail: gov.robertosilveira@hotmail.com
Diretora-geral: Denilce do Carmo Dutra
Fotos: Marcelo Ávila



Literatura no Varal

Releitura da obra de Vinícius com plasticidade e alegria

Claudia Sanches

Muito colorido, plasticidade e alegria nas instalações do Colégio Sant'Anna no dia da apresentação do projeto *Papel no Varal*, que contou com a presença dos pais e responsáveis que apreciaram a produção artística das turmas.



Assim foi a culminância do projeto político-pedagógico da escola, que sempre prevê atividades extra-curriculares. Esse ano a equipe pedagógica aproveitou o Dia da Poesia e o Centenário de Vinícius de Moraes para realizar o trabalho, com uma homenagem ao “poetinha”. Num cantinho estava lá um boneco-personagem, confeccionado pela professora de artes Rosana e pelos alunos, sentado num bar, escrevendo seus versos e, num outro ponto, a Arca de Noé, construída com as crianças.

Segundo a diretora Alessandra Cardozo, idealizadora do trabalho, o desafio era desenvolver o costume da leitura e motivar o aprendizado: “A meta é fazer nosso dia a dia cada vez mais diferente, para estimular de forma lúdica o hábito da pesquisa e da literatura, através desse grande legado de nossos escritores”, explica. O projeto levou duas semanas e foi desenvolvido com turmas desde a Educação Infantil até o 1º ano do Ensino Médio. Dividido em etapas, o tema foi discutido com as coordenadoras pedagógicas Roberta Bragança e Marinês Costa. Após planejamento de como desenvolver a temática e pesquisas sobre a biografia de Vinícius, todas as turmas partiram para a criação e produziram textos em forma de poesia e sonetos. As crianças da Educação Infantil aproveitaram o vasto material como as músicas da Arca de Noé e confeccionaram mascotes de animais baseados na obra infantil do poeta, como elefantes, leões, patos, gatos e cachorros. Os mascotes seguiam com fichas para os pais registrarem a estadia dos animais em casa, participando da rotina dos seus filhos.

Já os ensinos Fundamental e Médio, além da produção textual e paródias a partir dos sonetos, confeccionaram cartazes com frases e figuras ilustrativas do artista, revelando sua trajetória, a vida acadêmica e a boemia. Durante o evento, Henrique, do 8º ano, apresentou em seu teclado “Garota de

Ipanema” entre outros sucessos. A professora de Artes Rosana Santos aproveitou para trabalhar caricaturas e charges, além de os grupos realizarem entrevistas com os pais sobre a história do escritor. As turmas do segundo segmento apresentaram paródias de poesias referentes à sua obra, direcionadas pelos docentes de Língua Portuguesa, explorando os versos e as estrofes. A ideia de expor os trabalhos no varal surgiu do professor de Literatura Claudio Gadelha. Nordeste, se inspirou nos cordéis para desenvolver o formato da apresentação. “Quando motivamos, despertamos nos jovens um somatório de talentos”, afirma.

Segundo Marinês, o ritmo inteligente e bem-humorado das poesias infantis conquistou pequenos e grandes espectadores, que levaram para casa um pouco dessa alegria. Ela lembra que, para que a educação seja completa, a família e a escola precisam estar juntas para compartilharem os frutos do sucesso: “A garotada fez uma festa com os animais. A integração entre família e escola foi surpreendente e aconteceu de forma natural. Com a música ‘Lá vem o Pato’, os pais revisitaram sua própria infância através dos filhos”, relatou a coordenadora.

O objetivo de levar a leitura e o conhecimento que os poetas brasileiros deixaram foi atingido, segundo a diretora. “Vinícius é o retrato do cartão-postal do Rio de Janeiro, uma das belezas que muito nos orgulham, como o calçadão de Copacabana, que foi representado através da caricatura. As finalidades da equipe pedagógica foram plenamente alcançadas, de uma forma dinâmica e divertida. Conseguimos resgatar o trabalho deste grande personagem da cultura brasileira”, finaliza Alessandra.



Colégio Sant'Anna
Av. XV de Novembro, 336 – Bairro XV de
Novembro – Araruama/RJ
CEP: 28970-000
Tel.: (22) 2674-0777
E-mail: alessandra.cardozo@yahoo.com.br
Direção: Alessandra Figueiredo Cardozo
Fotos cedidas pela escola



Escola Aberta

Programa aposta na integração entre família e sociedade

Claudia Sanches



Portas abertas: a ideia é articular com a sociedade. Nos fins de semana a escola abre as portas para atendimento médico, esporte, oficinas de arte e música

Intercâmbio. Essa é a palavra-chave que define o projeto *Escola Aberta*, segundo o gestor do programa na Secretaria Estadual de Educação (Seemed), Jorge Nascimento. Em parceria com o MEC, o trabalho existe desde 2006, e hoje contempla 92 unidades em todo o estado. O objetivo principal é estabelecer diálogo com a família e a comunidade de forma prazerosa. Todos os sábados o público é recebido pela escola, que oferece lazer e atividades extraclasse.

Jorge explica que a ideia é articular com vários setores da sociedade, desde pais e moradores do entorno da localidade até instituições ou profissionais que queiram prestar algum serviço voluntário aos alunos. O gestor aposta nesse trabalho para que o jovem construa sua autoestima e descubra seus talentos. A escola oferece oficinas que permitem ao estudante desenvolver suas habilidades: “São várias opções e cada um escolhe o que vai fazer. Temos coral, senhoras que fazem artesanato, vôlei, artes marciais, dança, teatro, contação de histórias, entre outras atividades que são desenvolvidas dentro do colégio. Quando investimos nesses garotos, para que eles conheçam seu valor, estamos salvando vidas. O estudante fala com orgulho: “No meu colégio eu faço parte de um coral e tenho oficinas nos fins de semana”.

Foi assim que dona Maria das Graças, moradora da comunidade de Manguinhos, passou a fazer parte dessa história. Atuando em uma oficina de pintura do projeto *Escola Aberta*, no Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila, a dona de casa acabou se tornando oficineira. Hoje, ela não se imagina fora do trabalho: “Estava no curso quando perguntaram o que eu sabia fazer. Mostrei que conhecia corte e costura e me chamaram para trabalhar lá”. Modesta, ela diz que apenas transmite o que sabe, mas que aprende muito com as pessoas que participam. “Muitas senhoras que estavam ociosas passaram



Através de parceria com as universidades, o programa atua com prevenção e diagnóstico das principais doenças dos dias atuais

a ter uma ocupação e uma razão para viver e, quando estou em campo, esqueço meus problemas pessoais. O seu grupo levou para a mostra produções na oficina de reciclagem, que já capitaliza o talento dos alunos: "Alguns já usam o que aprenderam como fonte de renda, que é um dos objetivos", conta ela.

Mais uma escola

Para que o trabalho funcione, Jorge resalta que educadores e gestores dos colégios devem estar comprometidos. O Colégio Estadual Amaro Cavalcanti entrou para o programa por vontade dos alunos. A diretora da unidade, Sílvia Cabral, observava a ansiedade deles em formar um grêmio e frequentar atividades extraclasse como teatro e esportes, e apoiou a iniciativa. Paulo Vítor, do 1º ano, sempre sonhou em fazer parte de uma agremiação. O *Escola Aberta* oportunizou a realização de um sonho: "Já fui representante de turma no Ensino Fundamental e só na imaginação eu poderia ser membro de um grêmio. Hoje estou buscando o melhor não só para mim, mas para todos. Podemos mostrar que somos capazes", afirma Paulo.

Para comemorar a adesão, Sílvia realizou, no sábado, um dia de exposições e atividades, e recebeu colégios da 5ª Coordenadoria que já participam do trabalho e compartilharam a alegria de ingressar no projeto. A diretora contabilizou mais de 500 pessoas, que levaram um pouco do que produzem para receber o novo integrante do grupo.

Presença do estado, programas sociais salvando vidas

Ângela Maria de Moraes, coordenadora do *Escola Aberta* do C. E. André Marrois, afirma que o empreendimento já encaminhou muitos alunos. É o caso do estudante de Educação Física Tarcio Bernardes, que era do grupo de vôlei no colégio. Hoje dá suporte às novas turmas e coordenou o torneio durante o evento no Amaro Cavalcanti. Tarcio acredita que as turmas não podem ficar no ócio, então o estado tem de

Escola interage com moradores do entorno. Senhoras das comunidades participam, como alunas e professoras, de oficinas de artesanato e reciclagem



oferecer opções. “Todos os sábados fomos à escola jogar. Dessa forma nos tornamos um grupo e assim estávamos mais protegidos. Hoje ele volta à escola, mas como técnico da equipe. Quando somos alunos não percebemos enquanto jogamos. Agora tenho um olhar do lado de fora, como treinador, e vejo a importância do esporte na formação dos estudantes, na prevenção do envolvimento com drogas ou na falta de uma orientação para a vida”. A coordenadora do colégio concorda com esse papel educador e disciplinador e indica: “Eu hoje brinco com minha diretora: ‘Está rebelde? Inscribe o menino no *Escola Aberta*’”, diz ela. Ângela lembra que, além do papel social, o trabalho também atua na parte pedagógica, pois muitas tarefas podem ser exploradas na sala de aula.

William Miranda, compositor e maestro, que atua há quatro anos como regente do coral do Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila, apresentou o grupo durante a mostra. “Fui convidado para fazer uma formatura no colégio e acabei ficando”, conta. “É gratificante porque temos a possibilidade de apresentar a música de forma diferente para os alunos carentes, acostumados ao *funk*. A composição clássica afina a audição, abre a memória, facilita o raciocínio e transcende o espírito”, afirma o maestro, que está acostumado a ver o estranhamento da clientela no primeiro momento em que executa suas peças: “Eu provoco esses jovens para que eles façam da música algo sobrenatural. Tenho alunos que hoje estão na Escola de Música Villa-Lobos”.

O colégio se tornou o *point* no complexo de Manguinhos, onde várias pessoas se encontram já que a carência de lazer é grande, confirma a diretora Rose Lea Silva, citando as atividades que mobilizam a comunidade, como o lançamento do livro “Araceli meu amor”, do escritor José Louzeiro, na biblioteca local.

A diversidade de ações

Nesse tempo de existência, o trabalho já transformou vidas de jovens que não tinham perspectiva. Wellington Luiz Aquino, ex-aluno do C. E. Herbert de Souza, também coleciona história de vitórias. Seu trabalho começou com aulas de artes marciais para as crianças e adolescentes das comunidades do entorno. Hoje, Wellington é *oficineiro de taekwon do* no colégio. Em parceria com a Secretaria de Esporte e Lazer, que cede material para as crianças, ele já tem vários alunos disputando campeonatos interestaduais e nacionais. Para o professor, essas atividades são ótimas aliadas da educação, pois atraem a garotada e transformam os temperamentos. “Trabalhei com um jovem da comunidade, Dariam, que era muito agressivo e hoje é uma pessoa



Papel social do estado: jovens e crianças aprendem a tocar instrumentos, artes marciais, jogos coletivos, participam de coral, entre outras atividades. Mais oportunidades aos alunos de baixa renda



tranquila, que cursa faculdade de Engenharia. E eles também me ajudam muito”, relata.

Para Silvia e os professores engajados, a implantação do programa no colégio vai fazer a diferença na educação. A diretora já tem adeptos em vista, como um senhor que se oferece para dar aulas de dança de salão e uma proposta de curso pré-vestibular. Na opinião da supervisora da 6ª Metropolitana, Jussimara Saraiva, para que o *Escola Aberta* seja realmente transformador, o educador tem que amar sua função e deve haver de fato a participação de todos: “Cada um traz o que tem de melhor. O projeto, que dá bastante trabalho, tem que ser algo vibrante, vivo, e uma troca de saberes. Ele constrói uma escola democrática e inclusiva”, finaliza.

Colégio Estadual Amaro Cavalcanti
Largo do Machado, 20 – Catete – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 2221-010
Tel.: (21) 2334-4092
E-mail: Cavalcanti@yahoo.com.br
Direção: Silvia Cabral
Fotos: Tony Carvalho



Acessórios também são essenciais (para enriquecer um texto)

(Função Sintática – Parte III)

Sandro Gomes*

Vamos agora concluir o nosso ciclo de estudos sobre a função sintática. Nas duas edições anteriores foram abordados os termos Essenciais e os Integrantes da oração. Para finalizar, é a vez dos Termos Acessórios da Oração, que se caracterizam por não serem indispensáveis para a compreensão de um enunciado. Porém, a sua presença acrescenta novas informações e colabora para enriquecimento de um texto. São eles: o *Adjunto Adnominal*, o *Adjunto Adverbial* e o *Aposto*.

Os *Adjuntos Adverbiais* são termos que se ligam ao processo verbal, indicando determinadas circunstâncias. Veja o seguinte exemplo.

O dia clareou na Cidade Maravilhosa.

Nessa oração, o verbo *clarear* tem função intransitiva, isto é, não é necessário nenhum tipo de complemento para que se compreenda o enunciado. Ao dizermos "*O dia clareou.*" não precisamos acrescentar mais nada. No entanto, o autor da sentença resolveu incluir uma informação referente ao local onde a ação se deu (na Cidade Maravilhosa), configurando assim um *Adjunto Adverbial de Lugar*. Veja outros exemplos.

O avião aterrissará em cinco minutos.

(Adjunto Adverbial de Tempo)

A noite chegou suavemente.

(Adjunto Adverbial de Modo)

A polícia conteve os manifestantes com barricadas.

(Adjunto Adverbial de Meio)

Já os *Adjuntos Adnominais* estão ligados aos substantivos, podendo exercer a função de explicá-los, determiná-los ou especificá-los. Acompanhe o exemplo:

O professor retomou seu antigo projeto.

Repare que, nesse caso, *seu antigo projeto* é o objeto direto, que completa o verbo *retomar*. A ideia central deste

objeto reside na palavra *projeto*, constituindo o chamado **núcleo do objeto direto**, que é acompanhado no caso pelo pronome *seu* e pelo adjetivo *antigo*. Esses termos, coadjuvantes em relação ao núcleo, são chamados *Adjuntos Adnominais*.

O *Aposto* constitui um termo que se liga a um substantivo ou a um pronome, oferecendo a estes uma explicação ou especificação. Normalmente aparece separado por vírgulas, dois pontos ou travessão. Veja o exemplo abaixo.

Paris, a Cidade-luz, sempre recebe muitos visitantes.

Neste caso, perceba que se disséssemos apenas "*Paris sempre recebe muitos visitantes.*" teríamos comunicado a mensagem principal do enunciado. O termo *Cidade-luz*, que costuma ser atribuído à capital francesa, aparece como uma informação suplementar, que enriquece o texto, mas não é algo imprescindível para a compreensão.

Repare também que em geral o *Aposto* desempenha a mesma função sintática que o termo ao qual ele se refere, no caso *Paris*. Assim, poderíamos ter: *A Cidade-luz sempre recebe muitos visitantes.*

Amigos, assim encerramos nosso estudo, desenvolvido ao longo de três edições da Revista Appai Educar, sobre Função Sintática. Continuamos aqui pesquisando novos temas e abordando suas dúvidas sobre Língua Portuguesa. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar e Escritor.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Inclusão com integração

Escola especial prepara alunos autistas para a vida

Promover o desenvolvimento integral do aluno especial, com espectro autista, proporcionando sua inclusão proativa no mundo do conhecimento, é a missão da Escola Municipal Especial Professora Mariza Azevedo Catarino, localizada em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. A meta é estabelecer condições de acessibilidade, aprendizagem e desenvolvimento na escola e na sociedade sempre respeitando e minimizando as diferenças. Fundada em 2008, recebe cerca de 100 alunos de faixas etárias e localidades diferentes, organizados em 12 turmas.

A escola faz parte do projeto *Desenvolvimento e produção de recursos pedagógicos para suporte à inclusão de alunos com deficiência em escolas públicas dos sistemas municipais de ensino*, que recebeu objetos pedagógicos de apoio ao processo de ensino e aprendizagem de pessoas com autismo. A iniciativa é resultado de uma união entre o Instituto Nacional



O aluno Richard, de 10 anos, brinca com um dos objetos pedagógicos do projeto e aprende noções de tempo e de disciplina

de Tecnologia (INT), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Estácio de Sá (Unesa). Segundo o coordenador do projeto, o pesquisador Saul Mizrahi, Doutor em engenharia de produção com o tema Gestão Estratégica Multicultural Aplicada a Instituições de Ensino, "hoje é muito falado o conceito de inclusão. Inclusão ou integração? A criança deve conviver com todas as outras, mas queremos que ela tenha autonomia em vários campos. O autismo impõe algumas limitações, e o estímulo precoce auxilia na redução dos traços autísticos. A ideia é a criança poder, posteriormente, se matricular em uma escola regular".

Os pesquisadores da área de Engenharia de Avaliação e Gestão da Produção, com *design* projetado

pela área de Desenho Industrial do INT, desenvolveram os objetos a partir do relato da escola e de especialistas, como a professora de Educação Especial da UFF e doutora em Psicologia, Dayse Serra. Foram entregues à instituição de ensino o Jogo de Atenção Conjunta e o Relógio de Parede. Estes, agora, fazem parte da rotina diária dos alunos.

O Jogo de Atenção Conjunta tem um cenário mostrando elementos como o mar, o céu, montanha, bondinho, entre outros, que fazem ligação com um ciclista, um alpinista, ave, barco. Por exemplo, o aluno pode guiar a ave de um lado ao outro do céu. Para o autista é um jogo de muita importância, já que trabalha a atenção compartilhada, a triangulação do olhar, as coordenações motoras fina e óculo-manual, o conhecimento de cores e formas e a possibilidade de atender comandos preestabelecidos. Já o Relógio possui a função de auxiliar o orientador na demonstração e ensino de noção de tempo. O estudante põe os números para formar o horário da atividade descrita na foto colocada ao lado.

A professora Ivana de Cássia da Silveira, do aluno Richard da Silva Oliveira, de 10 anos, aprova: "Tudo é uma forma de aprendizado. São estímulos que ajudam a melhorar a atenção e a concentração, que são aspectos importantes a serem trabalhados". Além das disciplinas tradicionais, como Matemática e História, fazem parte do planejamento escolar as linguagens verbal (oral e escrita), corporal e artística (musical, teatral, visual), a Comunicação, a Relação Interpessoal e o Uso do Olhar. A escola possui o Espaço Sensorial, local onde os estudantes são estimulados por objetos sensíveis ao toque como grãos de feijão, grama sintética, algodão, assim como brinquedos (quebra-cabeças, bolas).

O coordenador do projeto, Saul Mizrahi; a diretora adjunta, Magda Fernandes; e Simone Machado de Oliveira, diretora-geral, posaram com a aluna Rebeca, de 12 anos, que adora tirar fotos



"Estamos com um projeto para nos mudarmos para

uma nova escola. Dentro dele, propusemos a otimização do espaço e o aproveitamento do tempo disponível, e muitas vezes ocioso, dos alunos. Durante a semana, em dias alternados, serão ministradas oficinas pedagógicas e se utilizará a Sala de Convivência, na qual simulamos um restaurante, uma lanchonete, para que eles possam interagir e ambientar-se às situações externas à escola", afirmou a diretora adjunta, professora Magda Fernandes de Carvalho.

Segundo o coordenador Saul, o próximo objeto a ser entregue será o boneco em tamanho natural com expressões faciais, que auxiliará os professores em questões de ordem prática, como a troca de roupa e cuidados com o corpo, e até mesmo representativas, como, por exemplo, uma associação de imagens. O projeto também oferece uma plataforma virtual didática, tanto para portadores de deficiência visual e auditiva, quanto para educadores. Mais informações no *blog* <http://escolainclusiva.int.gov.br>.

Colaboração: Mairiz Silva

Escola Municipal Especial Prof. Mariza Azevedo Catarino
Rua Mendes de Oliveira, s/nº – Grande Rio – São João de Meriti/RJ
CEP: 25540-030
Tel.: (21) 2650-2045
E-mail: e.m.especial.mariza@gmail.com
Diretora-geral: Simone Machado
Fotos: Marcelo Ávila

Lendo as entrelinhas

Projeto de incentivo a leitura estimula
crianças e jovens em Feira Literária



Estudantes fizeram lembrancinhas para distribuir aos convidados

Eclético e diversificado em sua cultura, o Brasil é o segundo país com maior população de origem africana, perdendo apenas para a Nigéria, na África. Todavia, heranças e influências portuguesa e indígena são manifestas na música, na religião, na culinária etc. No intuito de conscientizar e valorizar a formação do povo brasileiro e o patrimônio trazido do Continente Negro, o Colégio Salesiano desenvolveu uma Feira Literária, com foco na Cultura Africana e Afro-brasileira. “Esperamos que os alunos entendam a construção do nosso povo, a importância das raças, das culturas, o que a gente recebeu dos africanos, dos índios. Que eles respeitem as diferenças”, completam as professoras do 5º ano Cleide Lúcia e Tânia Queiroz.



Os alunos apresentaram um número de dança e estavam bem inteirados sobre o assunto na hora de explicar aos convidados

A ideia do projeto começou depois dos resultados apresentados pelo colégio em relação ao perfil dos estudantes. "Há dois anos percebemos que o nosso índice de leitura era muito baixo, de apenas 1,8. Depois ele subiu para 3,6 e hoje chegamos a 4,9. Queremos aumentar esse número!", conta a Coordenadora Pedagógica Adriana Costa. Por conta disso, ela reuniu os professores do colégio e apresentou os resultados dos alunos. Os próprios docentes sugeriram organizar um projeto, para incentivar a leitura e trabalhar mais com a Literatura.

A partir daí, cada professor montou sua biblioteca dentro da sala de aula e, quando o estudante terminasse o trabalho que havia sido proposto, poderia pegar um livro para ler. "Ano passado, criamos uma biblioteca móvel, dentro de um carrinho, com várias obras, fantoches e cada dia ela ficava em uma sala", completa Adriana. Com as crianças do Jardim, a coordenadora preferiu promover uma ciranda de livros, com cada aluno levando pra casa uma sacolinha preparada pela professora. A partir da leitura, os pequenos apresentam um desenho sobre o livro que levaram no final de semana. Isso também está dando muito certo", completa.

A coordenadora conta que procura inserir a leitura no cotidiano dos alunos. No colégio eles realizam uma avaliação escrita referente ao livro lido em sala de aula e participam de Feiras Literárias, que fazem parte do projeto de incentivo a esse hábito. "Os estudantes montam a feira, baseada na obra que leram em sala de aula. No evento desse ano, eles estão caracterizados de acordo com o tema e fazem a apresentação do trabalho através de maquetes, cartazes e números de dança. Foram providenciadas até lembrancinhas para oferecer para os convidados", conta Adriana.

A turma do 4º ano desenvolveu suas atividades baseadas no livro "Luana, Asas da Liberdade", que tem como figura principal uma menina afrodescendente, que vive nos dias atuais e faz uma viagem no tempo, no ano de 1540. A personagem acompanha de perto todo o sofrimento do seu povo. Da fase difícil da escravidão, presencia dias terríveis de tirania e conhece grandes homens que ajudaram na Abolição. Na história ela também presencia a conquista da Lei Áurea, que libertou todos os cativos. "Os escravos sofriam muito por causa da sua cor, e isso não está certo. Aprendemos a valorizar a cultura negra e conhecer mais





Os estudantes se caracterizaram de acordo com o tema dos seus trabalhos



sobre ela”, comentaram as alunas Giovanna Carvalho, Maria Vitória e Raphaela de Lira.

O trabalho da turma do 5º ano foi baseado no livro “Luana, a menina que viu o Brasil neném”, que retrata a história do país, com a mesma personagem, que embarca numa viagem no tempo, na época do Descobrimento. Na Feira, a estudante Rebeca de Oliveira, dessa mesma série, estava caracterizada como a Luana. Ela conta que foi escolhida para representá-la porque se parece fisicamente com a personagem do livro. “Gostei muito da obra, achei-a muito divertida”, completa.

Thiago Moraes e Vinícius de Lima, ambos também do 5º ano, gostaram muito da história e afirmaram terem aprendido muitas coisas novas. “O que mais nos seduziu foi saber sobre as três etapas do nome do Brasil. Na verdade, quando os portugueses chegaram aqui, nós ainda não tínhamos esse nome. Primeiro foi chamado de Ilha de Vera Cruz, depois Pindorama, por causa de uma palmeira, e, depois que descobriram a árvore Pau-brasil, deram o nome que temos até hoje”.

Já a turma do 6º ano desenvolveu um trabalho baseado na leitura do livro “Em Angola tem, no Brasil também!”, que conta a história de dois garotos, um que vive em Angola e o outro que mora aqui. Eles trocam correspondência e descobrem uma série de afinidades nos seus gostos, além de semelhanças entre as cidades em que vivem. A aluna Sara Tavares conta que aprendeu muito com a leitura do livro. Dentre as atividades apresentadas pela turma, havia um cartaz com algumas palavras em idiomas africanos e a tradução para o Português. “Esse trabalho foi feito para mostrar as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas”, completa a professora de Língua Portuguesa Cláudia Cristina. A turma também preparou uma apresentação de dança com passos de capoeira, e todos os alunos estavam caracterizados com roupas inspiradas na cultura africana.

Os alunos do 7º ano tinham como tema do seu trabalho o Racismo. Eles apareceram com seus rostos pintados, uma

metade de preto e a outra de branco. “Estamos assim para representar a igualdade entre as raças”, conta a estudante Laís Siqueira. Além dos trabalhos apresentados, eles fizeram uma encenação, relatando sobre os preconceitos sofridos no cotidiano.

“Pretendemos continuar com o projeto e ir aperfeiçoando a cada ano. Queremos futuramente promover um café literário e trazer escritores para uma tarde de autógrafos. Houve dois alunos nossos que viraram autores. O João já lançou dois livros. Quando ele veio aqui as crianças adoraram, foi muito legal. Isso se torna uma referência para os outros estudantes”, comenta a coordenadora.

“Os alunos aderiram bem ao projeto. Agora, uma grande dificuldade nossa é o fato de alguns pais não verem a leitura do livro paradidático, ou qualquer outro, como uma coisa importante. A gente conversa com os responsáveis em reuniões, e essa feira é um momento importante para que percebam isso. Eles vão ver que valeu a pena investir”, conta a coordenadora. O pai do estudante Pietro, Giovanni Moraes, acredita que trabalhos como esse são muito importantes para a formação do filho e que incentivar é fundamental.

Colégio Salesiano
Rua Darcy Vargas, 12 – Jacaré – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20972-010
Tel.: (21) 2261-2973
E-mail: adriana.costa@salesiano.br
Coordenadora Pedagógica: Adriana Costa
Fotos: Marcelo Ávila
Colaboração: Jéssica Almeida



**BENEFÍCIO DE
EDUCAÇÃO CONTINUADA**
CICLO DE PALESTRAS E OFICINAS

O Benefício oferece palestras e oficinas, com temas inerentes à área educacional, direcionadas aos associados.

Educação e Tecnologia

Metodologias e Práticas de Ensino

Planejamento e Gestão Escolar

Educação Especial

Educação Ambiental

Dificuldades de Aprendizagem

Sistemas de Avaliação

Teorias de Educação

Temas Transversais na Educação (Transtornos Comportamentais, Síndrome de Burnout, Sexualidade, Violência, Saúde Vocal)

Linguagem Oral e Escrita

Dificuldades de Aprendizagem

Neurociência e Educação (Neuroeducação)

Educação e Tecnologia

Educação Ambiental

Teorias de Educação



Inscrições:
appai.org.br

Siga-nos nas mídias sociais:  





Brincadeira séria

Concurso de paródias leva alunos do Ensino Médio a refletir sobre a questão racial

Alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Dom Pedro I, em Mesquita, rechearam a quadra da escola de alegria, criatividade e empolgação com o *Terceiro Concurso de Paródias*. A atividade, que começou há dois anos, acabou virando projeto devido ao grande sucesso entre os estudantes, professores e responsáveis. O tema deste ano foi “A questão racial no Brasil: desconstruindo conceitos e criando novos olhares”.

A ideia original foi da professora de História, Denise Frias, e começou como uma atividade interdisciplinar envolvendo as ciências humanas, que tinha sua culminância com o concurso. A iniciativa ganhou notoriedade pelos valores extraídos do contexto geral da experiência vivida pelos alunos. Integração, incentivo à musicalidade, criatividade e cultura estimularam os jovens a produzir conhecimento através de um pensamento crítico e reflexivo acerca de questões e problemas da nossa sociedade.

“No primeiro ano, quem teve a ideia foi a professora Denise, só que não era um projeto. Precisávamos registrar as boas práticas no colégio para poder dar qualidade e elevar o nível técnico. Resolvi, então, transformar a atividade em projeto, em comum acordo com a Denise”, disse Tiago Dionísio, professor e mestrando em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Com tudo arquitetado, a escola conseguiu apoio e verba da Seeduc (Secretaria de Estado de Educação) para desenvolver a iniciativa.

Dentro do tema deste ano, os alunos puderam escolher entre duas vertentes: a valorização e o preconceito contra o negro. Cada grupo, apadrinhado por um professor, representava uma turma e, além de cantar a letra da música, os estudantes fizeram apresentações envolvendo elementos





cênicos, coreografia e dançarinos. O grupo de Tales Thurler, 14 anos, da turma 1.001, cujo nome ficou "1.001 contra o preconceito", escolheu o subtema "Preconceito contra o negro" e criou uma paródia com a música "I love you baby", do grupo Oba Oba Samba House: "Estamos muito animados. Todos participam, interagem. O projeto faz a gente repensar sobre a questão do preconceito. E, com as paródias, falamos de um assunto sério de um jeito divertido".

Já a turma 3.001 escolheu a vertente "Valorização do negro" e parodiou a música "Barbie Girl", da Aqua, optando pelo nome "Turma da Barbie". Dayane Alves, 17 anos, ficou emocionada ao lembrar de sua iminente formatura: "Acho o projeto muito importante para os alunos e para a escola. Como é meu último ano, vou fechar com chave de ouro".

Para avaliar os trabalhos, foram convidados cinco pessoas entre pesquisadores e militantes nas áreas de Educação, Cultura e Racismo. "Parablenzo a todos, tudo está muito bonito", disse o presidente do corpo de jurados, fundador e coordenador do Centro Cultural Afro Mesquitense, Cosme Luzia Pereira. Os requisitos avaliados foram a letra da paródia, torcida e apresentação.

Os jurados ficaram emocionados em alguns momentos. A atuação de Flavio Damasceno, 16 anos, da turma 2.002, "Negro tem valor", levou a banca às lágrimas, e ressaltou seu talento evidente para as artes cênicas. O resultado foi apertado e duas turmas ficaram em primeiro lugar: a 2.002 e a 3.001, respectivamente do Flavio e da Dayane. O empate mostrou que a união entre os alunos do Colégio Dom Pedro I prevalece sobre a competição. Estudantes do nono ano estão muito animados para poderem participar do próximo concurso.

O projeto prova que o interesse dos jovens em relacionar-se com a escola é patente; basta que lhes forneçam ferramentas para tal.



As apresentações contaram com muita música, dança, coreografia e artes cênicas. Com muita alegria e emoção, os alunos do Dom Pedro I conseguiram passar uma mensagem de igualdade e respeito pelo fim do preconceito

Colégio Estadual Dom Pedro I
Av. Manuel Duarte, 1.215 – Santa Terezinha
– Mesquita/RJ
CEP: 26245-510
Tel.: (21) 2696-0512
E-mail: dompedro1956@yahoo.com.br
Fotos: Marcelo Ávila
Colaboração: Mairiz Silva





É de **pequeno** que se aprende



O projeto estimula a reflexão, o contato direto com a natureza, a aproximação dos pais e mostra à comunidade quão importante é a preservação

“**A** creche não existe somente para cuidar das crianças e trocar fraldas. Há todo um desenvolvimento pedagógico muito importante para o crescimento delas.” É o que afirma Marilene Ramos, diretora da Creche Municipal Silveirinha, em Deodoro, Zona Oeste do Rio. E é com esse lema que a instituição vem desenvolvendo o Projeto Político Anual *Música e Movimento*, no qual, a cada ano, é escolhido um tema de reflexão e conscientização.

A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o ano de 2013 como o “Ano Internacional da Cooperação pela Água”, para esclarecer acerca dos desafios de gestão, acesso, distribuição e serviços. O objetivo é chamar a atenção da sociedade, empresas e governos para as questões de saneamento básico, falta de acesso à água potável e redes de esgoto. Foi com inspiração na iniciativa da ONU que a equipe da Creche Silveirinha escolheu o tema deste ano: *No ritmo da água*. Através do lúdico e da música, utilizando instrumentos cuja linguagem desperta o interesse de crianças nessa idade, o projeto busca a conscientização quanto à preservação e importância da água; trabalhar como as atitudes humanas podem influenciar no ciclo do precioso líquido; promover atividades que despertem atitudes reflexivas, além de passar o conteúdo didático. “Ensinamos a elas desde pequeninhas a preservar a água, o nosso planeta e o meio ambiente”, diz Marilene sobre os objetivos do projeto junto à creche.

Durante uma semana foram desenvolvidas atividades ligadas aos cuidados com o 'do meio ambiente. A culminância do projeto ocorreu com a participação das turmas, seguida da “Caminhada



Higiene pessoal, meio ambiente, economia de água, preservação dos animais e vida marinha serviram de temas para a apresentação dos pequenos



pele uso consciente da água” pelo entorno da creche. Com muitas cantigas, cada turminha versou um assunto diferente. Como a turma EI-30, com a apresentação “Estados da água” ou a EI-41, com “A água na higiene pessoal”. Segundo a professora articuladora do projeto, Maria Lúcia G. Santos, através das crianças foi levada uma mensagem para toda a comunidade.

A Creche Municipal Silveirinha recebe alunos de todas as localidades e com idade de seis meses a três anos, oferecendo horário integral. Como são ainda muito pequeninas, as mães e pais se derretem ao ver as apresentações. É o caso da mamãe da Lorena, de um ano e 11 meses, Karen de Moura, que se emocionou ao falar do projeto e da instituição: “A Silveirinha é maravilhosa. Eu tinha uma visão totalmente diferente do que era uma creche. É um lugar onde minha filha recebe carinho e educação. E o projeto é importantíssimo para o crescimento dela”, que está lá há pouco mais de um ano.

Já o casal de gêmeos Ryan e Letícia, de três anos, está na instituição desde o primeiro ano de idade. A mãe, Adriana Penaforti, lamenta: “Pena que é o último ano, pois adoro a creche. Tenho uma filha mais velha que também estudou aqui. Quanto ao projeto, é um trabalho muito bom para estimular a aprendizagem dos meus filhos”.

Creche Municipal Silveirinha
 Rua Calixto Silva, s/nº – Conjunto Promorar II
 – Deodoro – Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 21616-180
 Tel.: (21) 2457-4375
 E-mail: cmsilveirinha@rioeduca.net
 Colaboração: Mairiz Silva
 Fotos: Marcelo Ávila



Seminário Indígena

Uma reflexão sobre a cultura indígena no século XXI

...acho
importantíssimo
começarmos a
fomentar essa
cultura e não
esquecermos de
quem já vivia na
nossa terra.

Quando falamos em índios, a primeira coisa que vem à mente é um grupo de pessoas que vivem em ocas no meio da mata. De fato, alguns deles ainda estão nessa situação, pois a tradição continua viva em algumas tribos. Muitos acabam acompanhando a evolução da sociedade moderna por necessidade ou até mesmo por sobrevivência, e com isso terminam abandonando seus costumes. Atualmente, vários indígenas falam fluentemente não só o português, como também outros idiomas, e fazem uso do computador e da internet. Porém, a imagem que temos da época do Descobrimento do Brasil não deve ser esquecida, pois é a principal lembrança que temos dos primeiros habitantes do nosso país.

De acordo com a Fundação Nacional do Índio (Funai), a atual população indígena do país é de aproximadamente 345.000 indivíduos, representando 0,2% dos brasileiros. Este dado se refere apenas àqueles que vivem em aldeias, já que há outros 190 mil habitando fora das terras indígenas, em áreas urbanas. O número de indígenas no país vem aumentando de forma contínua, com uma taxa de crescimento de 3,5% ao ano.

Com intuito de preservar e valorizar a cultura dos nossos primeiros moradores, a professora de Cultura Brasileira Verônica Inaciola, que também coordena o projeto, e o Centro Cultural Joaquim Lavoura desenvolveram o *Seminário Indígena*, que é a culminância de um curso ministrado por ela, no qual os alunos estudam desde o período Pré-cabralino até a chegada dos portugueses no Brasil. “Falamos também sobre arte moderna e culturas indígena e africana. Porém, sinto uma enorme necessidade de fazer com que as pessoas desejem saber mais. Os estudantes precisam conhecer melhor esse processo histórico”, completa a professora.

O *Seminário Indígena* tem como objetivo conscientizar o público, que era formado basicamente de alunos e professores das redes pública e privada. “Nós



esperamos sensibilizar as pessoas para que a cultura indígena não seja discriminada. Esses professores vão passar para seus alunos a conscientização de que os índios são gente como a gente, embora ainda mantenham costumes diferenciados. Eles fazem parte desse processo histórico do Brasil”, completa Verônica. O evento contou com a presença de antropólogos, historiadores, indígenas, apresentação de dança Guarani e artesanato nativo.

“Os jovens precisam entender que, antes de outros povos chegarem ao Brasil, os índios já estavam aqui. Por isso, acho importantíssimo começarmos a fomentar essa cultura e não esquecermos de quem já vivia na nossa terra. O nosso foco principal é o resgate da história. Não queremos fazer um simples seminário, mas fomentar essa cultura”, conta o Secretário do Turismo e da Cultura e presidente da Fundação de Artes Michel Portugal.

O seminário contou com a presença do cacique Darcy Tupã, do aldeamento Guarani de Cambinhas, em Niterói. “Os caciques mais antigos acreditam que para preservar suas culturas não se deve fazer contato com quem não é da sua tribo. Eu que sou um líder mais novo, tenho 34 anos, acredito o contrário, que a gente precisa ter relações com outras pessoas para que elas possam pesquisar. Elas precisam entrar na nossa aldeia e ver que na verdade é tudo igual. Assim, aprendendo sobre a nossa cultura eles podem valorizá-la. Vão perceber que o índio é amigo”, afirma.

Colaboração: Jéssica Almeida



Centro Cultural Joaquim Lavoura
Av. Presidente Kennedy, 721 – Estrela do
Norte – São Gonçalo/RJ
CEP: 24445-000
Tel.: (21) 2723-4524
Coordenadora responsável: Verônica Inaciola
Fotos: Marcelo Ávila





Agenda do Professor

Benefício Educação Continuada

Inscrições: <http://www.appai.org.br/temas-educacao-continuada.aspx>

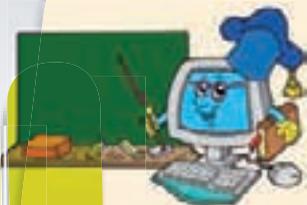
Setembro

Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação

Data: 11/09/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - quarta-feira

Objetivo: apresentar o panorama atual das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação, incentivando à reflexão sobre as diversas possibilidades advindas dessas tecnologias e suas contribuições.



Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência

Data: 14/09/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - sábado

Objetivo: proporcionar acesso ao conhecimento das formas de identificação dos principais problemas relacionados aos transtornos comportamentais.



Saúde na Escola: Vulnerabilidades na Adolescência X Gravidez Precoce

Data: 12/09/2013

Horário: 13 às 17h - quinta-feira

Objetivo: proporcionar, através da exposição do tema, a reflexão sobre a importância da prevenção e promoção em saúde nas escolas.



Moralidade e Atualidade – Repercussões na Educação: Moscas sobre a Moral

Data: 18/09/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - quarta-feira

Objetivo: propiciar a reflexão e o debate sobre a devolução à escola e, aos professores-educadores, o lugar de grande importância que ocupam na sociedade.



A Voz do Professor: A Prevenção e Preservação da Saúde Vocal do Docente

Palestra vinculada ao "Projeto Saúde Vocal"

Objetivo: promover conhecimentos gerais sobre os fatores de risco para a voz sobre as medidas salutaras para a manutenção da saúde vocal.

Neste dia os interessados poderão inscrever-se para avaliação da voz e, em caso de necessidade, participar do Projeto de Saúde Vocal, através da parceria Appai/UFRJ.



O Cérebro e o Aprendizado

Data: 25/09/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - quarta-feira

Objetivo: fornecer ao professor noções gerais sobre o cérebro e suas funções relativas ao processo de aprendizagem.

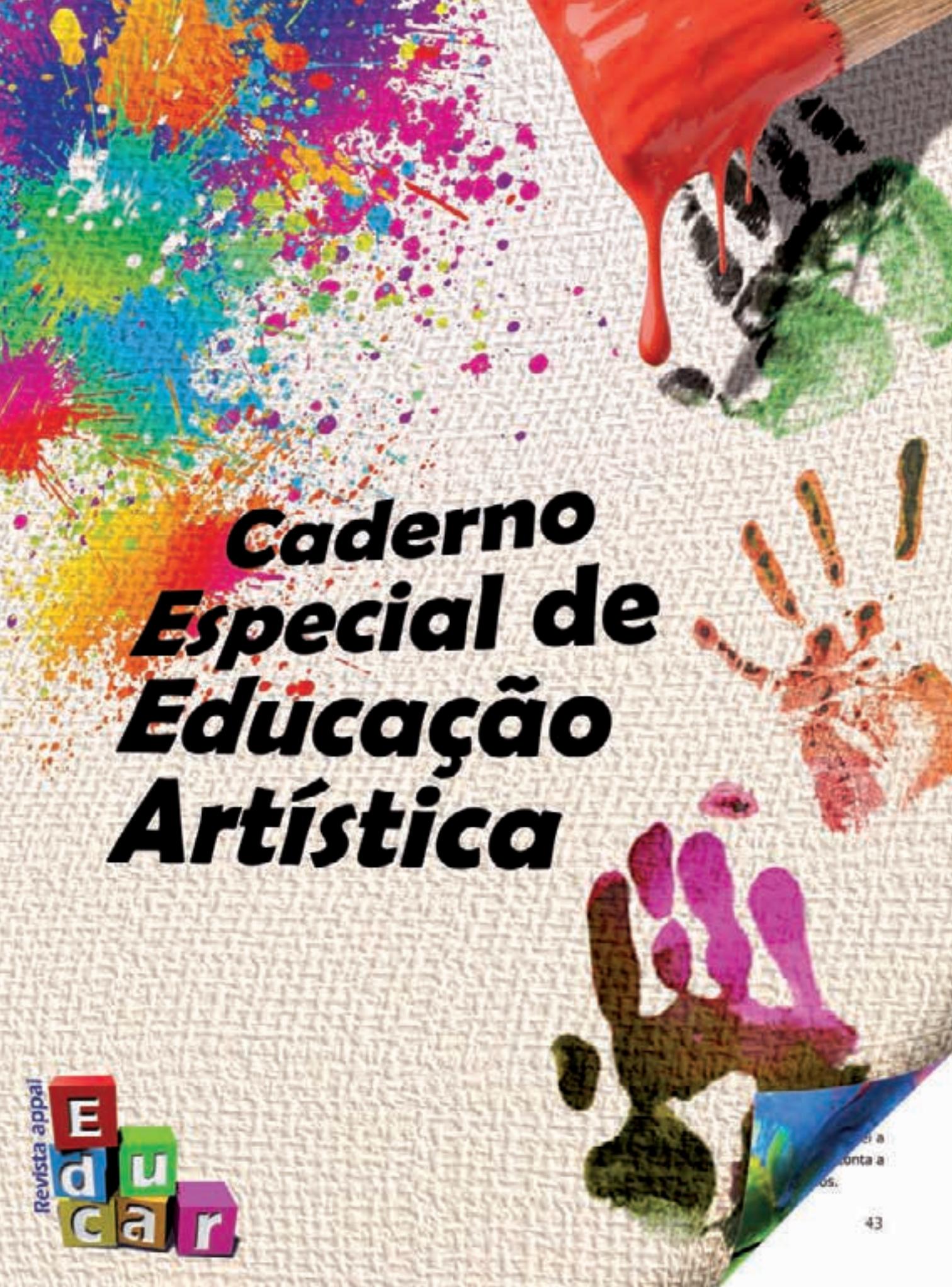


DE 29 DE AGOSTO A 8 DE SETEMBRO
RIOCENTRO

Visite o estande da Appai

Professor, visite o blog da Appai na Bial:
www.appainabial.blogspot.com.br





Caderno Especial de Educação Artística

Revista appal

E
d **u**
c **a** **r**

er a
onta a
os.



A Revista Appai Educar traz uma seleção com o melhor da Arte pelas jovens mãos de estudantes de toda a rede de ensino

Entendida como uma atividade humana ligada a manifestações de ordem estética ou comunicativa, a Arte surge da percepção, das ideias e das emoções, cujas manifestações trazem significados únicos. A singularidade extraída dos movimentos artísticos foi compilada em um especial de Educação Artística com música, dança, artes plásticas, literatura, cinema e teatro.

Para começar, um laboratório de aprendizagem onde crianças lapidam seu talento, a *Oficina Portinari*. O Colégio Estadual Trasilbo Figueiras abriu espaço para os artistas da comunidade escolar e pesquisas de linguagens, reunindo muitos trabalhos na terceira edição de sua *Feirarte*. Também o Ciep Nação Mangueirense marcou presença, com a realização da *Semana de Artes* inspirada no “poetinha” Vinícius de Moraes, em homenagem a seu centenário. Na sequência, uma entrevista exclusiva com Sérgio Cezar, conhecido como “o artista do papelão”, cuja história virou um premiado curta-metragem. Em seguida, a Escola Municipal Presidente Eurico Dutra faz uma viagem pelo Modernismo através da visão feminina de mais de sessenta artistas pioneiras. Para fechar com chave de ouro, uma mostra retratando o que o Brasil tem de melhor, realizada pelo Colégio Estadual Ismael Branco.



Oficina Portinari

Alunos aprendem a pintar e desenvolvem noções de cores e tonalidades

Uma importante declaração dada pelo pintor brasileiro Cândido Portinari serviu de inspiração para a criação da oficina que leva o seu nome: “Devemos pintar como sentimos, mas devemos saber pintar o que sentimos”. A atividade é oferecida pelo Espaço Casa Viva, localizado em Manguinhos, criado em 2003 com o intuito de desenvolver uma ação voltada para o público infantil, como uma proposta de educação complementar. O Espaço é uma iniciativa da Rede CCAP, instituição que desde 1986 se dedica a empreendimentos sociais.

A homenagem ao pintor se deve ao fato de que ele abordava em suas obras questões sociais do Brasil, retratando favelas, ladeiras, crianças, entre outras coisas. “Foi o primeiro artista brasileiro a abordar essa temática, fazendo crítica através de suas telas”, completa o coordenador e professor do curso Ubirajara Rodrigues. “Antigamente, o aluno acabava indo para a escola com suas deficiências e voltava para casa com elas. E, no meu entendimento, a arte e a cultura têm sua função social até nessa proposta de sedimentar conceitos, trazendo aprendizado para a criança. Às vezes, o estudante tem dificuldade em entender o que o professor coloca no quadro-negro e quando chega para uma ação, como a Oficina Portinari, em que ele tem a liberdade de criar, recebe as informações, aprende a manusear e tem

A group of children are sitting on the ground outdoors, painting on large sheets of paper. They are surrounded by colorful murals on the walls and other large-scale artworks. The scene is vibrant and creative.

As obras criadas pelos alunos, em sua maioria, estão inseridas em um contexto social e cultural, retratando vielas, favelas etc.



O professor Ubirajara observa atentamente os trabalhos feitos pelos alunos e ensina técnicas para o aprimoramento da arte

também a oportunidade de sanar suas dúvidas. Quando a criança percebe que pode, de uma forma lúdica, transformar a realidade, ela leva aquilo para a vida dela. Quando chega em casa ela tem um olhar diferenciado, isso graças à criação, à liberdade de opinar”, explica a coordenadora da Casa Viva Elizabeth Campos.

A Oficina Portinari tem como objetivo ensinar os alunos a exercitar o uso do pincel, desenvolver noções de cores, tonalidades, traços e texturas, entender a simbologia da figura com relação ao contexto social e cultural, além de aumentar a interação entre os próprios estudantes. “Quando cheguei aqui, eu não sabia nem desenhar um bonequinho, fazia o corpo todo quadrado. Agora já aprendi e sempre crio bonequinhos e vestidos. O que eu mais gosto na oficina são as avaliações. Na última, tirei a segunda maior nota da classe”, conta a aluna Karla Camily, de 10 anos.

Atualmente estão inscritos na Oficina Portinari 40 alunos, com idades entre 8 e 13 anos. Eles estão divididos em duas turmas, uma de manhã e outra de tarde, e as aulas são oferecidas às segundas, terças e sextas-feiras. "O que eu mais gosto de fazer é pintar e aprender coisas novas, e o mar é o que mais me dá prazer em desenhar, acho lindo", conta o aluno Diogo da Silva, de 11 anos.

"A Casa Viva completou dez anos de existência. Fico feliz de ver que essa proposta de educação complementar, utilizando a arte e a cultura, deu certo. Essa função de estimular a criatividade na vida do aluno



Cada estudante busca um elemento ou objeto para usá-lo como inspiração. O aluno Diogo, por exemplo, utiliza o mar



já é regra na educação. Muitas escolas chegam aqui e pedem professores de música, de arte. Ela acaba funcionando como um celeiro dessa atividade; é assim que a gente define o Espaço Casa Viva", conta Elizabeth.

Colaboração: Jéssica Almeida

Espaço Casa Viva
Rua Capitão Bragança, 142 - Manguinhos -
Rio de Janeiro - RJ
CEP: 21050-030
Tel: (21) 3869-8330
E-mail: casaviva@redeccap.org.br
Coordenador do projeto: Ubirajara Rodrigues
Fotos: Marcelo Ávila



“Pintar é libertar-se, e isso é essencial” foram palavras proferidas pelo artista espanhol Pablo Picasso, referindo-se à arte da pintura. As obras desse e de outros nomes serviram como inspiração para a criação de trabalhos dos alunos do Colégio Estadual Trasilbo Filgueiras, em São Gonçalo, na III Feirarte – Feira de Artes e Linguagens. A iniciativa foi dos professores de Educação Artística do colégio, que escolheram para este ano o tema: *A Arte no Jardim Catarina*. O projeto tem como objetivo resgatar a autoestima dos alunos e desenvolver produções criativas que estimulem a imaginação, o pensamento e o raciocínio, possibilitando que os estudantes realizem um trabalho com o qual possam contribuir para o seu crescimento e a melhora do espaço educacional.

“A escola está inserida em uma comunidade onde os alunos participam das atividades propostas, vivenciando experiências do cotidiano, e podem entender que a Arte socializa, integra e permite que o ser humano viaje através dos pensamentos. É por meio da conscientização dos profissionais que mobilizaremos o fazer artístico e concretizaremos o projeto”, contam as coordenadoras. Foram realizadas diversas atividades, como a releitura de obras, confecções de trabalhos com materiais variados, montagem de murais, apresentações de dança, música e teatro. Os alunos utilizaram técnicas de pintura e o manuseamento de artigos diversificados, conhecendo os diferentes estilos e relacionando as formas visuais às características dos materiais e funções.

O projeto tem como metodologia utilizar o espaço da instituição para conhecer e valorizar os artistas da comunidade escolar, e pesquisar linguagens artísticas, como desenho, pintura, escultura, teatro, dança e música. Os alunos fizeram releituras de obras de arte e desenvolveram atividades em sala de aula, utilizando variados materiais. A culminância do projeto foram as Feiras com exposição dos trabalhos plásticos confeccionados, além de apresentações de dança, teatro e música.

Cada série elegeu um artista para servir de inspiração para seus trabalhos. Os alunos do 6º ano escolheram Joan Miró e Henri Matisse; os do 7º ano optaram por Alfredo Volpi e Vincent Van Gogh; Romero Britto, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti foram abordados pelos jovens do 8º ano; o 9º ano se inspirou em nomes como Salvador Dalí e René Magritte, enquanto Pablo Picasso e Frans Krajcberg, entre outros, ficaram a cargo dos estudantes do Ensino Médio.

Colaboração: Jéssica Almeida

Colégio Estadual Trasilbo Filgueiras
Rua Saint Diniz, s/nº – Jardim Catarina – São Gonçalo/RJ
CEP: 24717-490
Tel.: (21) 2724-5300
E-mail: trasilbo@click21.com.br
Fotos cedidas pela escola



Obras de Tarsila do Amaral, Pablo Picasso e Romero Britto serviram de inspiração para confecção dos trabalhos



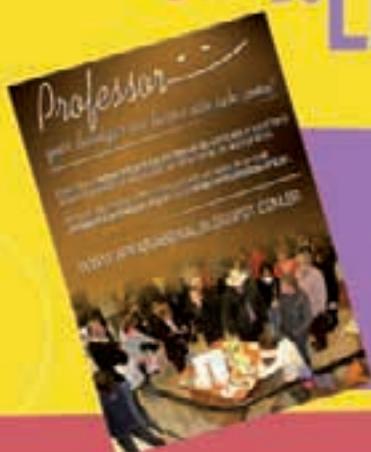


XVI
**BIENAL
DO
LIVRO
RIO**

Programação da APPAl na Bienal

DE 29 DE AGOSTO A 8 DE SETEMBRO
RIOCENTRO

Inscrições abertas



Espaço Literário
Estande da APPAl
De 31/08 a 08/09
De 11 às 20h

Grupo Teatro Novo
No Auditório Pequeno - Pavilhão Verde

Dia 31/08

De 16 às 18h



Palestra Comportamento Infantil
Auditório Pequeno - Pavilhão Verde

Dia 04/09

De 14 às 18h



Seminário Educação Inclusiva
Auditório Pequeno - Pavilhão Verde

Dia 05/09

De 14 às 18h



Workshop Secretaria de Educação de Caxias
Auditório Grande - Pavilhão Azul

Dia 05/09

De 14 às 18h



Saiba Mais
no Site ou Blog!

www.appai.org.br
<http://appainabienal.blogspot.com.br/>





Cenário criado para atuação do grupo de teatro, que encenou a peça "Operário em construção"

Semana de Artes Vinícius de Moraes



Projeto homenageia o centenário desse mestre das artes

"Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça". Quem não se recorda desse trecho de Vinícius de Moraes, também lembrado como "o poetinha"? Para celebrar o centenário do seu nascimento, o Ciep Nação Mangueirense desenvolveu o projeto *Semana de Artes Vinícius de Moraes*, cujo objetivo foi comemorar através da abordagem de sua obra e vida.

O projeto marca a ação de um grupo de professores que, impulsionados pelo amor à arte e à educação, desenvolveram, através de suas disciplinas, trabalhos artísticos inspirados no homenageado. Através do material apresentado por eles, os alunos fizeram uma releitura das obras desse mestre das artes, participando do projeto em sala de aula e nas atividades extraclasse, em ações como oficinas de arte, sarau, números de dança, artes cênicas e pintura a óleo.

A apresentação do grupo de teatro foi uma adaptação livre da poesia de Vinícius "Operário em Construção". A peça teceu uma crítica em relação à vida dos trabalhadores que, na busca por seus direitos e deveres, lutam para serem reconhecidos pela sociedade e por seus patrões. Onze alunos participaram do espetáculo. "O mais importante que a gente encontra aqui nos nossos jovens é que eles são muito atuantes e coletivos, aqui não tem eu danço mais, eu sou mais antigo. Eu procuro trabalhar muito bem com eles para que não tenham esse vício. Os estudantes entendem que todos são muito importantes na apresentação. Assim se sentem valorizados e almejam chegar

lá de uma forma tranquila e sem pisar em ninguém", conta o animador cultural Marcos Rogério.

O aluno do 1º ano Vitor Raony, que interpretou o personagem Zé na apresentação do grupo de teatro, conta que sempre gostou de participar dos projetos da escola envolvendo dança e teatro. "Foram três meses de sacrifício e de muito trabalho, e ver o resultado é muito prazeroso", conta, completando que sempre teve vontade de atuar em uma peça assim, com um grande público. "Meu objetivo é mostrar que qualquer pessoa pode conseguir o que quiser, é só correr atrás do sonho, que devagar a gente chega lá. Tudo vem na hora certa". O jovem acredita que participar de projetos como esse será fundamental para sua formação acadêmica e pessoal. "A arte me tornou mais criativo, já que em sala de aula eu sempre fui um bom aluno".

Colaboração: Jéssica Almeida

Ciep Nação Mangueirense Governador
Leonel de Moura Brizola
Rua Santos Mello, s/nº – São Francisco
Xavier – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20960-030
Tel.: (21) 2332-2414
E-mail: ciep241@bol.com
Fotos: Marcelo Ávila



O artista do papelão

Obras criadas pelo artista são todas feitas de papelão



A arte pode ser definida como uma habilidade. Geralmente os artistas se baseiam em suas próprias emoções e se tornam um reflexo da época e da cultura em que vivem. O artista plástico Sérgio Cezar ficou conhecido como o “arquiteto do papelão”, pois suas obras são feitas, em sua maioria, com o reaproveitamento desse material. Ele retrata favelas, cortiços e casas simples, com muita riqueza de detalhes. Antes de descobrir seu talento, Sérgio foi goleiro do América, fez comercial para TV e até trabalhou como segurança da atriz e modelo Luíza Brunet. É de sua autoria o cenário feito para a vinheta da novela *Duas Caras*, de Aguinaldo Silva, em 2007.

O curta-metragem “O Gigante do Papelão”, dirigido por Bárbara Tavares, conta a história de vida e arte do artista plástico. O filme já circulou em vários festivais de cinema pelo mundo e, em Buenos Aires, ganhou o prêmio de melhor filme eleito pelo público.

O artista conta com a colaboração de Robson Alves, que Sérgio intitula como seu discípulo, um discípulo da arte. Os dois trabalham juntos há mais de dez anos. “Minha participação aqui é auxiliar no trabalho. Tudo é criação dele, que faz os desenhos, e eu ajudo na hora de montar. Tudo que aprendi foi com ele, no dia a dia, trabalhando”.

As peças do artista plástico estiveram à mostra no Museu de Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro. A exposição ganhou o nome de “Um canto no

Segundo Robson, durante a criação da peça, acidentalmente caiu água na parte da frente da casa e, por conta disso, o artista colocou uma faixa de “interditado” para compor a peça



... eu peguei a caixa e vi que daria para fazer uma casinha. A primeira peça que saiu foi uma lembrança dos lugares em que eu passava na infância, uma casa na roça.

mundo”, pois suas obras são criações próprias, não uma releitura do que já existe. Confira a entrevista que Sérgio Cezar concedeu à Revista Appai Educar:

Revista Appai Educar: Há quanto tempo você realiza esse trabalho? Como tudo começou?

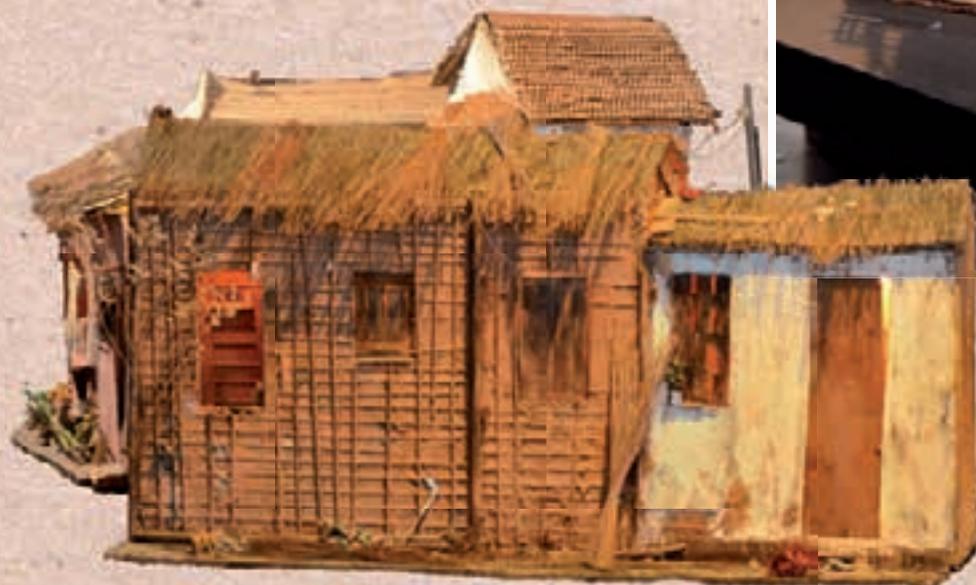
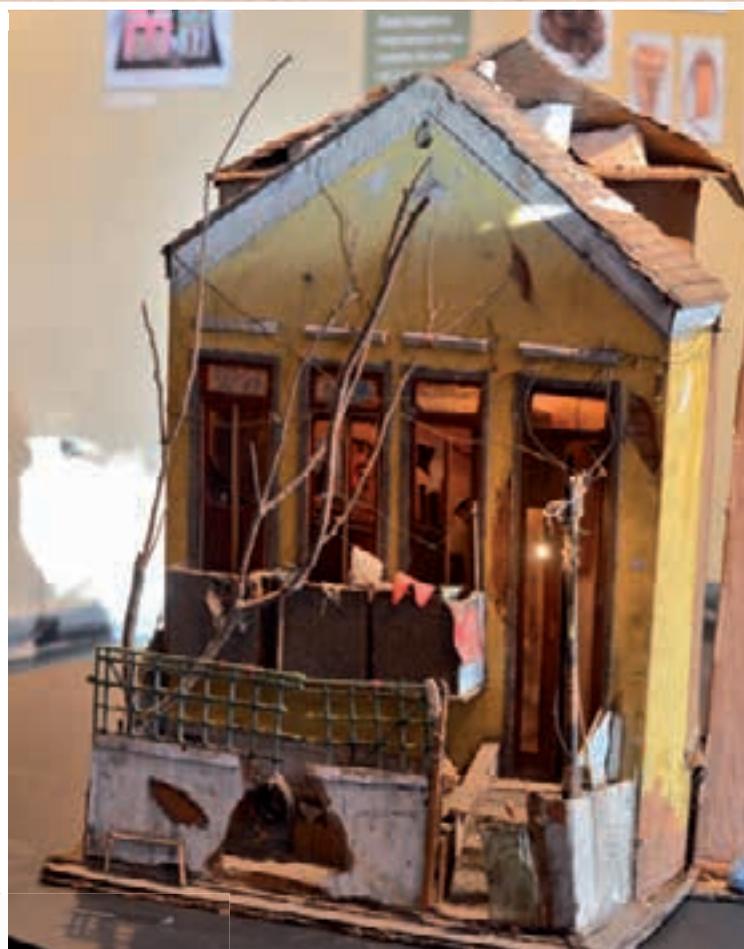
Sérgio: Há mais de 30 anos. Tinha uma caixinha de papelão em que eu guardava uns pedaços de tecido, ela ia de um canto para o outro. Um dia, eu pintei umas 100 camisetas diferentes, só que a tinta para tecido acabou. E, com essa mania de ficar criando 24 horas por dia, eu peguei a caixa e vi que daria para fazer uma casinha. A primeira peça que saiu foi uma lembrança dos lugares em que eu passava na infância, uma casa na roça.

Educar: O que levou você a continuar com o seu trabalho?

Sérgio: Um ano e meio depois alguém me pediu uma peça e eu fui descobrir que essa pessoa estava vendendo minhas peças. Apesar de tudo, achei interessante que já naquela época tinha gente que admirava a minha arte. Quer dizer, eu conseguia gerar renda através do material que as pessoas descartavam.

Educar: Você já levou o seu trabalho para outros lugares?

Sérgio: Sim, geralmente vamos para outros países fazer palestras sobre a minha arte. Já fomos para universidades em Nova



O artista Sérgio (à esquerda) e seu discípulo Robson

York e na Pensilvânia desenvolver trabalhos com os alunos de arquitetura e *design*. Estivemos também na 10ª Bienal de Havana, ensinando minha atividade às crianças. Em 2004, fiz uma exposição no Rio Designer Leblon, e um dia em que eu pude ir, me falaram que uma senhora saiu de lá chorando, falando que não entraria mais lá e que queria falar comigo. Quando fui encontrá-la, ela disse que eu tinha feito um barraco igual a um em que ela viveu muitos anos da vida dela.

Educar: Você já levou seu trabalho para alguma escola?

Sérgio: Sim, geralmente sou chamado para dar aulas em escolas ou fazer palestras em faculdades. Em 1986 fui convidado, pela Escola Dinâmica de Ensino Moderno (Edem), para lecionar. Ensinei a minha arte e mostrei a importância de se ganhar o próprio dinheiro. Em 1988, me chamaram para fazer uma palestra num Ciep do Catete. Falei sobre a beleza da arte e das pessoas. Sempre que alguma escola solicita, eu vou e ensino a minha arte para as crianças.

Educar: Qual a importância que o seu trabalho tem dentro da sala de aula?

Sérgio: Os professores deveriam colocar mais arte na vida do aluno. Por exemplo, na aula de Matemática fazer com que ele possa produzir uma pintura. Isso estimula o estudante, o seu raciocínio e o torna mais criativo. Eu gostaria de ensinar minha arte para os professores, não só os de Educação Artística, mas também para que todos pudessem aplicá-la em suas matérias.

Educar: Quais são os benefícios que a oficina traz na vida do aluno?

Sérgio: A coisa boa de poder transmitir a educação e a arte é que você planta aqui e no futuro pode ver que conseguiu mudar a vida das pessoas. Um aluno meu do ateliê chegou à minha aula muito agitado. A mãe me contou que ele era hiperativo, e o médico falou para ele tomar remédios ou fazer um curso de arte. A mãe resolveu pagar a aula de argila para ele. Ela disse que economizou muito com remédio, depois que ele começou a estudar comigo. Aquele menino hiperativo foi sumindo e hoje em dia trabalha na Amazônia, está envolvido com a preservação de tribos indígenas.

Todos os que veem as obras se impressionam com a riqueza de detalhes, dentro e fora das casas retratadas



Quem observa atentamente as criações do artista tem a impressão de estar inserido naquele contexto

Educar: O que te inspira?

Sérgio: Tenho muita inspiração ao meu redor, sempre gostei da arquitetura do Rio de Janeiro, da sua história. Admiro muito os casarões, mas infelizmente eles estão sumindo, um progresso ignorante acaba com nossa história. Isso me dá inspiração para fazer uma releitura, uma viagem. Acabam restando apenas a fotografia e a arte. Por isso procuro resgatar esse passado, para que ele não seja esquecido.

Educar: Você se inspira em algum artista?

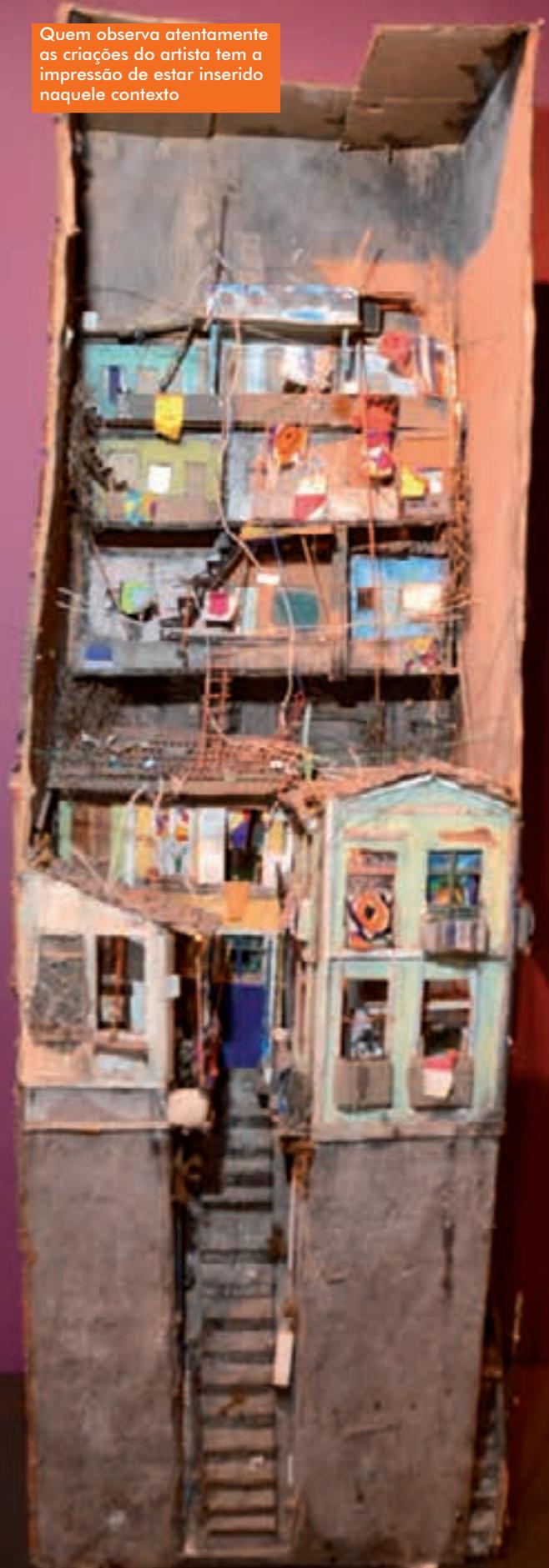
Sérgio: Não, eu que criei essa maneira de trabalhar com o papelão. Procuro fazer uma releitura do que eu vejo e, em cima daquilo, produzir a minha própria arte.

Educar: O que você almeja para o futuro?

Sérgio: O meu sonho para o futuro é montar a minha fundação com o nome da minha falecida mulher. Nessa instituição poder dar aulas de qualidade, educar de uma maneira diferente e formar multiplicadores dessa arte. Passar adiante a maneira de observar, de criar, descobrir outros dons e revelar o talento das pessoas.

Colaboração: Jéssica Almeida

Museu de Folclore Edison Carneiro
Rua do Catete, 179 - Catete - Rio de Janeiro/ RJ
CEP: 22220-000
Tel.: (21) 2285-0441
E-mail: mercado.folclore@iphan.gov.br
Fotos: Marcelo Ávila





Arte que acaba em música

Adolescentes aprendem na prática em visita a exposição no CCBB

Contemplando as artes cênicas, exposições, cinema, ideias, música e programas educativos, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro, atrai público de todas as idades e estilos desde 1989. Em sua programação, a instituição disponibiliza visitas mediadas e atividades relacionadas às exposições e a sua história. Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Presidente Eurico Dutra participaram do programa. E o que parecia ser apenas um passeio escolar mostrou-se um grande aprendizado.

A exposição *Elles: mulheres artistas na coleção do Centro Pompidou*, um recorte com desenhos, instalações, pinturas, esculturas, fotografias e videoartes de mais de sessenta artistas pioneiras, reúne nomes como Frida Kahlo e Louise Bourgeois, além de brasileiras, como Rosângela Rennó. São trabalhos que explicitam a luta pela desconstrução da figura da mulher convencional, expressos em formas estéticas artísticas, como Cubismo, Dadaísmo, Abstracionismo, Surrealismo e Minimalis-

mo, bem como a arte conceitual e a crítica institucional.

Levados pelos guias do Programa Educativo, os alunos passearam por várias salas, cada uma delas contendo uma temática específica. Para estimular o debate artístico, foram formados pequenos grupos, nos quais os estudantes deveriam escolher as obras que mais acharam interessantes. Depois os instrutores comentavam as características, a história e o contexto em que foram construídas, sempre com o apoio e a orientação de Alexandre Coelho Antunes, professor de Artes da escola. Dessa forma, eles puderam não só aprender como entender o que a obra revelava, bem como o porquê de o artista tê-la criado.

“Eu acho sempre válidas essas atividades pois a formação não acontece só dentro da sala de aula. É constituída também pelo que eles leem, assistem e ouvem. Acho que contribui para aumentar a percepção e a cultura geral deles. É muito importante para o processo de aprendizagem”, diz o professor Alexandre.

A parte surrealista foi a que causou mais surpresa entre os alunos, como contou Felipe Talaia, de 14



Alunas da rede municipal contemplam obra expressionista da artista Marie Toyen





Escultura da sala de música
aguça a criatividade e a
curiosidade dos alunos

anos, citando duas obras do gênero:

“Legal, porém intrigante. A escultura de Germaine Richier, *Água* (1953-1954), foi a coisa mais estranha que vi aqui. Já a pintura mais bonita é a de Marie Toyen, *O início da primavera*, 1945”.

As salas de música foram as preferidas dos alunos. Elas mostraram obras ligadas a um movimento oriundo do Cubismo, conhecido como

Orfismo, e que é baseado nos estudos de Isaac Newton sobre a relação entre as notas musicais e as cores. Os movimentos imitam ondas sonoras ou ritmos, e as cores representam as notas musicais.

Após apreciarem a exposição, os estudantes participaram de uma atividade proposta pela equipe do Programa Educativo. Aproveitando a experiência da cor com as notas aprenderam a transformar seus nomes em música.

Ao final, o professor Alexandre teve de conter os ânimos dos jovens que, ao se despedirem do CCBB, demonstravam muito entusiasmo e satisfação. Vanessa dos Santos, de 14 anos, não vê a hora de mais passeios educativos: “Superlegal. Muito interessante poder apreciar as obras. É mais fácil aprendermos, na prática, o que vimos em sala de aula. E eu adoro Artes. É uma experiência diferente”, completa.

Colaboração: Mairiz Silva



Escola Municipal Presidente Eurico Dutra
Rua Santa Engrácia, s/nº – Penha – Rio
de Janeiro/RJ
CEP: 21021-080
Tel.: (21) 2573-4149
E-mail: emeurico@rio.rj.gov.br
Fotos: Marcelo Ávila



Programa Educativo do CCBB
oferece atividades musicais para
as escolas visitantes



Mostra de Artes: Por um “Brasil Legal”

Sandra Martins

Chega de ouvir o que há de ruim no Brasil. Chega de só reconhecer o que há de pior nos brasileiros. Agora é a vez de abrir corações e mentes para o *Brasil Legal*, uma mostra de artes que reuniu mais de mil trabalhos de 18 turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao Médio do Colégio Estadual Ismael Branco, no município de São Gonçalo.

De acordo com os coordenadores do projeto, os professores de Artes Graça Mary e Robson Martins, a mostra é o resultado do trabalho coletivo da escola, que acredita no “BBB: Brasil Bom e Bonito que quase não se vê”.

No folder da programação, Jane Silva Chagas, ao agradecer o empenho dos professores e alunos na realização da 1ª Semana de Arte, definiu o espírito empreendedor desta iniciativa: “Graças à grande capacidade de sonhar, podemos viajar em nosso Brasil com os 5 sentidos que Deus nos deu”.

A ideia é movimentar a escola. Realizar intervenções não só na vida dos alunos dentro da comunidade escolar, mas levá-los a reconhecer ícones que construíram e constroem o país. Os estudantes são incentivados a levar esta concepção até sua comunidade, seu bairro, para que todos possam perceber a existência de

peças que desenvolvem algo relevante para a sociedade local, por meio de pequenas ou grandes ações.

É o que Graça Mary chama de “Teia do Brasil”. Todas as ações são, em alguma medida, interligadas. Em uma parede, os alunos, orientados pelos professores, montaram um painel gigantesco retratando o Brasil circundado por 60 outros “brasis” menores. Em cada um deles havia uma referência da historiografia nacional. Todos estes “brasis” são ligados por meio de barbantes como uma grande teia de aranha.

“O que tem de bom no país, que ninguém vê, é a proposta deste painel”, disse a professora, que incentivou seus alunos a investigar sobre vários personagens históricos. As pesquisas englobaram as culturas

A rica diversidade identitária é uma das ligas que unem os vários rostos do Brasil



indígena e africana, o Brasil colonial, popular, moderno, contemporâneo e em movimento. Também estudaram o folclore e a diversidade.

De acordo com o professor Robson Martins, o trabalho foi desenvolvido com o que determina o currículo mínimo para a área de Artes: ponto, linha, cor, superfície, espaço e textura, elementos formais das artes visuais. Foram utilizadas as técnicas de lápis de cor, giz de cera, caneta hidrocor e recorte e colagem.

Contando com a colaboração irrestrita das diretoras – entre elas Karla Verônica, diretora adjunta – daquela unidade escolar, os docentes puderam desenvolver várias propostas pedagógicas com as turmas no ateliê. Celina Cotrim, misto de mestre de cerimônia e diretora adjunta, fazia as honras para a abertura oficial da Galeria de Artes do C. E. Ismael Branco, convidando o grupo “Liberdade do Samba”, composto por alunos do colégio, para apresentar-se. Em seguida, a professora Luciana Pereira Azevedo, do IGT – Integrante da Gestão Temporária –, presenteou alguns alunos que se destacaram academicamente com entradas para participarem do projeto “Cinema para Todos”.

E a galeria de artes? Uma antiga sala de aula foi transformada em uma, funcionando como novo espaço de construção de conhecimento diferenciado. Para a inauguração, nada melhor do que chamar a atenção com o nome da exposição: “Brasil Legal” em letras com quase dois metros de altura, confeccionadas em tecido acolchoado e colorido. O prolongamento das letras é de braços cujas mãos se entrelaçavam num gesto aconchegante e convidativo para que as pessoas entrassem num ambiente colorido e divertido. A sala foi ambientada com vários painéis compostos com a produção dos alunos a partir de releituras de artistas renomados, muitos deles do próprio município de São Gonçalo. Havia painéis com ressignificações das obras de Beatriz Milhazes, com flores coloridas com lápis de cor, giz de cera e hidrocor. As amigas Bianca e Mariana, ambas de 11 anos, estavam animadíssimas ao reconhecerem suas flores em um dos dois painéis ilustrados com centenas de flores. “É muito legal participar das aulas de Artes, ainda mais quando mostram que o Brasil é muito bacana, com tanta gente fazendo coisas legais e bonitas”.

Outro painel mostrava 150 desenhos criados a partir das obras de Geleia da Rocinha, artista plástico morador do município. O painel “Brasil Indígena” era composto por totens com 43 desenhos. Já o “Brasil Africano” foi ilustrado com 5 máscaras com mais de um metro de altura cada.

A exposição foi aberta ao público ao longo da semana. Os professores prepararam alguns alunos para monitorar as visitas, entre eles Gabriel Ferraz da Silva, 16 anos, estudante do 1º ano do Ensino Médio. Ele inclusive afirmou que as aulas de Artes o ajudaram muito em matérias como Matemática, Geometria, História e Ciências. “Fizemos uma exposição aqui, em que uma parte da sala foi transformada em uma caverna. Tinha terra e artefatos que eram escavados pelos arqueólogos. Aprendemos a fazer tinta de barro. Foi muito bacana”, afirmou o primeiro monitor da Galeria de Artes do C. E. Ismael Branco.

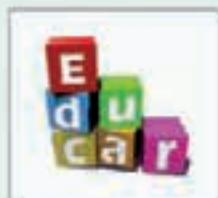
É muito legal participar das aulas de Artes, ainda mais quando mostram que o Brasil é muito bacana, com tanta gente fazendo coisas legais e bonitas

Colégio Estadual Ismael Branco
Rua Raul Lengrüber, s/nº – Mutuá – São
Gonçalo/RJ
CEP: 24460-410
Tel.: (21) 3119-0579
E-mail: ismaelbranco@gmail.com
Diretora adjunta: Karla Verônica
Fotos: Marcelo Ávila



Uma das leituras do painel “Abraço do Brasil” pode simbolizar a importância da afetividade nas relações cotidianas

Benefícios Appai



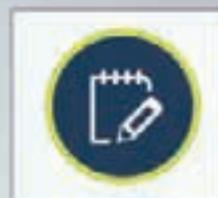
Revista
Appai Educar



Seguro para a Cobertura
de algumas Doenças Graves



Serviço Social



Educação
Continuada



Assistência
Flex Domiciliar



Benefício Médico
Ambulatorial Básico Coletivo



Seguro de Vida em Grupo
e de Acidente Pessoal Coletivo



Dança
de Salão



Assistência
Funeral



Benefício Odontológico
Ambulatorial Básico Coletivo



Caminhadas
e Corridos



Assistência Jurídica

Entre no Portal do Associado e veja os novos atendimentos nos diversos benefícios colocados à disposição do quadro associativo.

